

Neste Número:

O furacão
Nem praga nem chaga
Violência que gera mais violências
A bênção da carne
Carta ao meu banco
O perdão e paz no casamento
Violência contra a mulher
A verdade, Pilatos, é...
Pais presentes, pais ausentes
Sociedade hedionda
Nova Aurora
Tese de Guerdjev
Ciúme
Os chargistas
Tão carinhoso
Ética relativa
Eutanásia
Falar bem contagia
Por onde Deus caminha na América Latina?
Consumo, logo existo
Um acerto de contas
Sorria, faz bem
Por detrás dos deuses
Fatos e razões
A melhor parceira
Educação: finalmente um plano
Humildade e orgulho

fato⁶⁴ **e razão**

**Movimento
Familiar
Cristão**

Cristo Redentor,

uma das sete novas maravilhas do mundo



Recado dos editores

Uma revista não comercial sobreviver mais de 30 anos é uma proeza que devemos aos nossos amáveis leitores e leitoras.

Neste número, o cardápio é variado, como sempre.

Foram selecionadas matérias sobre relacionamento familiar, questões políticas, sociais e eclesiais bem atuais, crônicas e um pouco de humor...

Além do seu incentivo por sua fidelidade à revista, esperamos dos nossos leitores e leitoras seu apoio à divulgação de Fato e Razão na sua cidade, conquistando novos assinantes.

A sobrevivência da sua revista depende do aumento de assinaturas.

Se puder, dê de presente. Talvez muitos amigos apreciariam mais ganhar de você uma assinatura de Fato e Razão do que um presente pouco útil, às vezes mais caro. E você será lembrado a cada número da revista que chegar em suas mãos.

Contamos com esse apoio, caros leitor e leitora.

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globocom

Livraria do MFC

Atendimento Assinaturas
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278 Fax
(21) 2722-3777

Capa

*Cristo Redentor é escolhido
como uma das sete novas
maravilhas do mundo*

64

Sumário

Maioridade penal, 2 *Editorial*
Casamento, a aprendizagem do amor, 5 *Deonira Viganó La Rosa*
E a Terra sorriu, 8 *Leonardo Boff*
Fé cristã, Igrejas e o Reino de Deus, 11 *Jung Mo Sung*
Ser pai ou ser amigo, 15 *Jorge La Rosa*
Democracia é assim, 18 *Opinião da Redação*
Poema, 21 *Beatriz Reis*
Corações em greve, 22
Maria Clara Lucchetti Bingemer
Confiança, 25 *Deonira Viganó La Rosa*
Integrismo e repressão, 28
Helio e Selma Amorim
Escutatória, 31 *Rubem Alves*
Audiovisuais em DVD, 35
Para uma educação nova e inclusiva, 36 *Marcelo Barros*
Receitas espertas para convencer, 40 *Editorial*
Não fique tão sério, 43
Será que vai chover? 47
Antonio Ermírio de Moraes
O eterno descobrimento, 48
Teilhard de Chardin
Reforma política: passos reais, 49
Plínio Arruda Sampaio, *Pe. Virgílio Uchoa*
Utopia, 51 *Herbert de Souza (Betinho)*
O povo papal, 54 *Ivone Gebara*
A terra está morrendo, 58 *Rubem Alves*
Não desanimar jamais, 61 *Jorge Leão*
Mar de Cristal, 63 *Frei Betto*
O vendedor de palavras, 65
Foto, fato, razão, 67
Violência, causas e caminhos de solução, 68
Instituto da Família (INFA)
O amor cristão, 72 *Alexandre Andrade Martins*
Sonho, 74
Mensagem da V CELAM aos povos da AL e Caribe, 76

Data desta edição: Setembro 2007

MAIORIDADE PENAL

"Eu sou de menor", diz o menino para escapar do pior. Pela lei, ele quer dizer que não fez 18 anos. Por que 18 e não 14, 16 ou 20 anos? Parece ter sido empírica a fixação dessa idade cronológica para definir quem é "de maior" ou "de menor". Talvez algumas estatísticas associadas a testes psicológicos tenham levado a eleger aquele limite de idade em que o adolescente irresponsável passa a ser adulto responsável por seus atos.

Entretanto, nem sempre, talvez raramente, a idade cronológica corresponda à idade mental, biopsíquica e emocional. Conhecemos pretensos adultos com mentalidade e comportamentos irresponsáveis de pré-adolescentes e, de outro lado, meninos e adolescentes amadurecidos antes do tempo previsto nos manuais e nas leis, capazes de discernir o que é ou não é eticamente correto. Estes se tornam responsáveis por seus atos, sabem quais são suas conseqüências boas ou

"eterno adolescente", beirando os 30, muito divertido com suas brincadeiras infantis, pode ser incapaz de discernir com maturidade qual o agir correto.

Por isso, resulta muito difícil legislar sobre o que seja maioridade penal, tema atualmente na pauta da mídia e do Legislativo. Um menino de 16 anos pode ser um adulto de fato quanto à capacidade de discernir e praticar um crime talvez hediondo, como tem ocorrido, para horror da população assustada? Pode representar um risco para a sociedade? Deve ser excluído do convívio social? - onde deve ser mantido, e por quanto tempo?

Esta é a primeira dificuldade. A idade cronológica não é um dado decisivo, cientificamente determinado, segundo parâmetros confiáveis. Nos países pesquisados como referência para esse debate da redução da idade penal, os limites variam de 14 a 16 anos, raramente 18, sempre limites empíricos que não podem prescindir de avaliações de outra natureza quanto à capacidade de discernimento e conseqüente responsabilidade por seus atos.

O debate deveria ser deslocado para outra vertente do problema: o que se pretende ao deter um criminoso, qualquer que seja a

Proteger a população do risco de novas agressões de um criminoso contumaz? Ou tentar recuperar o condenado para uma possível ressocialização e retorno à liberdade?



sua idade? Castigá-lo pelo dano causado, como vingança da sociedade pela maldade cometida? Proteger a população do risco de novas agressões de um criminoso contumaz? Ou tentar recuperar o condenado para uma possível ressocialização e retorno à liberdade?

Ora, parece-nos que esta última deve ser a opção, ainda que em muitos casos irrealizável. Se assim for, o tempo de detenção deve ser flexível, dimensionado em função do processo de reeducação, cuja duração dependerá de muitos fatores e avaliações cuidadosas de especialistas. Este critério deveria aplicar-se a todos independentemente da idade cronológica.

Tal opção depende, entretanto, de uma ampla, profunda e cara reestruturação do sistema

prisional. A começar pela ampliação do número de penitenciárias para acabar com a superlotação desumana que brutaliza ao tratar pessoas como nem animais são tratados. Ao mesmo tempo, classificar cada penitenciária pelo tipo de presos que abrigará: níveis de periculosidade, tipos de crimes cometidos, idade (aqui caberia a cronológica), tempo de internação sentenciada e outros indicadores estabelecidos por especialistas. O regime prisional seria compatível com essa classificação.

Toda penitenciária teria obrigatoriamente instalações adequadas para o trabalho, a educação formal e informal, e sempre que possível ofereceria condições para atividades culturais e religiosas, que ONGs e igrejas se dispusessem a desenvolver onde o ambiente fosse propício.

No caso dos jovens e adolescentes, a lei atual obriga a libertar o delinqüente "de menor" no máximo em três anos. Para a maioria, talvez, três anos de reeducação em ambiente assim favorável e assistência competente, serão suficientes para seu retorno à sociedade. Especialmente se houve algum tipo de profissionalização e apoio ao emprego após o cumprimento da pena.

Para muitos, entretanto, esse tempo terá sido insuficiente. Avaliações sérias indicarão se o ex-adolescente, agora jovem aos 20 anos, tornou-se capaz de um convívio social confiável, que não seja uma ameaça à população e não faça antever a reincidência desastrosa para a sua própria recuperação. Pelo atual estatuto, com respaldo constitucional, esse jovem terá que ser libertado independentemente de qualquer avaliação. Vale a idade cronológica.

"Aprendi o silêncio com os faladores, a tolerância com os intolerantes, a bondade com os maldosos; e, por estranho que pareça, sou grato a esses professores."

Khalil Gibran

O tema é controverso, complicado, de difícil manejo. Mas o critério vigente, como muitos dogmas religiosos, pode ter caducado. Cabe aprofundar a discussão, exaustivamente, sem preconceitos, com especialistas e avaliações das práticas de diferentes países de cultura e características sociais semelhantes às nossas. Só então decidir por conservar a lei vigente ou perseguir soluções inovadoras.

Não tem lógica o debate que se limita a mudar um número: reduzir a idade penal e tudo estará resolvido, querem alguns. O pecado original da cronologia empírica insustentável estaria mantido. Sem uma abordagem abrangente da questão não se chegará a lugar algum.

Deonira L. Viganó La Rosa



Casamento a aprendizagem do prazer

Saber criar ou recriar momentos de prazer é essencial ao ser humano. Ter prazer é o meio pelo qual o ser humano experimenta e nutre seu desejo de viver e, reciprocamente, é seu desejo de viver que lhe permite criar prazeres.

Esta interação constitui a história de cada um com a vida e o prazer. Cada qual carrega consigo sua história, sua cultura familiar e religiosa, suas

experiências, as quais são responsáveis por modelar nele sua capacidade de dar-se e de dar prazer. Em especial, o modo como cada um se relacionou e se relaciona com o próprio corpo atua como um inibidor ou um facilitador das experiências de prazer, já que o prazer é da ordem do sentir corporal.

A busca do prazer no casamento

O meio mais natural, senão o mais fácil, de mostrar o amor, no casamento, é criar prazer juntos e permanecer enamorados. Pode um cônjuge dizer ao outro *Eu te amo, mas teu prazer me é*

indiferente? Eu te amo, mas não tenho mais desejo de dar-te prazer? Eu te amo, mas meu prazer não depende de ti?

Quando o casal não consegue encontrar junto o prazer, ele está em perigo. Se os desprazeres ultrapassam os prazeres, podemos dizer que o motor que move o casal está com falta de combustível.

O prazer do qual estamos falando não é apenas o prazer sexual. Embora as relações sexuais sejam a fonte e a expressão privilegiadas do prazer, todos os outros prazeres podem ter a função específica de fazer explodir a convivência profunda do casal. Esses momentos de prazer, encontrados nos projetos conjuntos do casal, na realização de seus sonhos, nos momentos de lazer, na superação conjunta das dificuldades, nutrem o desejo de viver e são o combustível de que falávamos antes. Por tudo isso, fica combinado, é preciso cuidar do prazer! Quando ele lhe é dado com facilidade, aproveite! Quando o período é sombrio e as dificuldades se acumulam, procure-o com esperança e perseverança, seu casamento tem necessidade dele para viver.

E o sacrifício tem lugar na vida de um casal?

Uma renúncia ao prazer, aos desejos e impulsos naturais, tem sentido quando feita para o bem, próprio ou de outrem. O parceiro muitas vezes será a motivação e a inspiração para o sacrifício, mas ele não é o seu determinante. Aquele que o faz quer obter algo melhor e mais rico, a médio e longo prazo, por isso sacrifica o que é prazer a curto prazo. Este tipo de sacrifício é obviamente desejável numa vida comum prazerosa. Mas a renúncia que lesiona a própria individualidade e fere os próprios limites é indesejável e traz conseqüências danosas para o relacionamento, porque uma das partes sente que a outra lhe deve algo e pode cobrar o que desejar sem respeitar as possibilidades do outro.

Para que um casamento seja de fato uma união verdadeira de corpos e almas, será necessário que os cônjuges tenham a liberdade de escolha reafirmada ao longo do casamento, no qual as renúncias jamais resultem em lesões à vida de cada um. O casal deve ter bem presente que sacrifícios têm sentido quando deles se extrai o bem e o crescimento da própria vida. Os sacrifícios que violentam e desrespeitam os próprios limites trazem prejuízos e lesões, em nada construtivos.

Embora seja certo que encontraremos em todo casal um número significativo de diferenças que exigem sacrifícios, para bem administrá-las, também é necessário que exista um número grande de igualdades. Não só de oposições se faz um vínculo de casal, pois, com tudo difícil e sacrificado, a vida se tornaria um inferno. Quase nada aconteceria com facilidade e prazer, um teria sempre de fazer um esforço para encontrar-se com o outro e raramente aconteceria gostarem das mesmas coisas. Enfim, a vida em comum seria composta de muitos sacrifícios, renúncias e desencontros e, nestas condições, dificilmente as diferenças poderiam ser vividas de maneira criativa.

Num relacionamento de casal é preciso que em muitos aspectos as coisas sejam prazerosas, leves e fáceis, e os cônjuges concordem sem esforço, valorizem ou gostem

espontaneamente de muitas coisas em comum e que existam atividades pelas quais os dois se interessem e onde se encontrem como bons companheiros.

Como tudo o que é vivo, a relação conjugal sadia deve ter os momentos de encontro e os de confronto, nos quais as vivências das polaridades e diferenças possam trazer transformações. Se do sacrifício não resultam transformações, para que o sacrifício?

**O casal que vive com
prazer o
companheirismo, com
certeza terá mais
facilidade para
administrar o
sofrimento quando este
se fizer sentir e não
puder ser evitado.**

**Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia*

- ❖ *Concordamos com essas colocações sobre o prazer do companheirismo, mesmo quando há diferenças ou divergências?*
- ❖ *Vivenciamos este prazer no cotidiano da vida conjugal?*
- ❖ *Às vezes exige renúncias? Algum sacrifício? Vale a pena?*
- ❖ *O que pode ajudar ou dificultar esse prazer de viver a dois?*
- ❖ *Os casais que conhecemos vivenciam ou não esse prazer?*

"A terra foi criada em comum e para todos. O que você dá ao pobre não é parte do seu patrimônio, é uma parcela do que é dele que você restitui ao pobre, pois é um bem comum a todos de que você se apropria só para si."

Ambrósio, bispo de Milão, século IV.

E A TERRA SORRIU

Leonardo Boff *

Exatamente no primeiro dia do inverno, quando já começa a esfriar e quase todas as folhas que deviam cair já caíram, como as do meu pé de caqui, floresceu completamente a cerejeira japonesa em frente à minha janela. Há uma semana percebera que brotos estavam irrompendo, depois se desenvolveram com uma cor arroxeada e de repente, numa manhã, estavam quase todos abertos. Pela tarde do mesmo dia, 21 de junho, início do inverno, abriram-se totalmente.

Para mim que procuro ler sinais nas coisas, pois elas têm sempre um outro lado e o invisível é parte do visível, foi uma revelação. Estou aqui escrevendo sobre a nova moralidade que urge viver no meio do aquecimento global já iniciado. Digo que se queremos salvar a biosfera e preservar

nossa Casa Comum, habitável para toda a comunidade de vida, temos que resgatar, antes de qualquer outra medida, a dimensão do coração e a razão sensível. Se não sentirmos a Terra como nossa Grande Mãe que devemos cuidar, como filhos e filhas bons e responsáveis, serão insuficientes as necessárias iniciativas técnicas que tomarão as grandes empresas, os governos, outras instituições e as pessoas. Nascemos da generosidade do cosmos e da Terra que nos providenciaram as condições essenciais para a vida e sua evolução e será a mesma generosidade a nossa contrapartida.

Esta florada da cerejeira japonesa, que ocorre uma única vez ao ano, é um aceno que a própria Terra gratuitamente nos



"mesmo que caíam todas as folhas, mesmo que os galhos pareçam ressequidos durante quase todo o ano, mesmo que impere a dúvida se morreu ou ainda está viva, de repente, eu ousou revelar o mistério que esconde: a capacidade de regeneração e a vontade de sorrir gaiamente, de irradiar beleza e provocar êxtase".

Algo semelhante deve ocorrer com a crise ecológica e com as ameaças que pesam sobre o destino futuro da biosfera e da vida humana. Estimo que não se trata de uma tragédia cujo fim seria funesto mas de uma crise cujo termo é um novo estado de saúde e de consciência, mais vigoroso e mais alto. Logicamente, depende de nós transformar os sintomas de tragédia em sinais de crise acrisoladora. E o faremos, pois o

instinto básico, já o reconhecia Freud, não é o de morte, mas o de vida, mesmo que passando pela morte. A vida que há 3,8 bilhões de anos irrompeu na Terra, passou por muitas dizimações. Elas nunca foram terminais. Foram crises que criaram oportunidades para a emergência de formas mais complexas de vida. A vida é chamada para mais vida. Esta é a seta da evolução e a dinâmica do universo.

As flores da cerejeira japonesa significam o sorriso radiante da Terra quando menos se esperava dela. Pois o inverno é tempo de recolhimento e de retirada sustentável para recobrar forças vitais que depois irromperão vitoriosas e deslumbrantes. A Mãe Terra nos quer transmitir uma mensagem: "apesar de todas as agressões

que sofro, da respiração ofegante que tenho devido às contaminações atmosféricas, não obstante o sangue de meu corpo contaminado e os meus pés chagados por causa de venenos, ainda assim tenho energia vital escondida; ela não é infinita mas é suficientemente

poderosa para resistir, para se regenerar e para voltar a sorrir. Apenas dêem-me, por piedade filial, um pouco de tempo para descansar e um gesto de amor e de cuidado para me fortalecer".

*Teólogo

O Cão

Um açougueiro estava em sua loja e ficou surpreso quando um cachorro entrou. Ele espantou o cachorro, mas logo o cãozinho voltou. Novamente ele tentou espantá-lo, mas viu que o animal trazia um bilhete na boca. Ele pegou o bilhete e leu: - "Pode me mandar 12 salsichas e uma perna de carneiro, por favor?"

Ele olhou e viu que dentro da boca do cachorro havia uma nota de 50 reais. Então ele pegou o dinheiro, separou as salsichas e a perna de carneiro, colocou numa embalagem plástica, junto com o troco, e pôs na boca do cachorro. O açougueiro ficou impressionado e como já era mesmo hora de fechar o açougue, ele decidiu seguir o animal.

O cachorro desceu a rua, quando chegou ao cruzamento deixou a bolsa no chão, pulou e apertou o botão para fechar o sinal. Esperou pacientemente com o saco na boca até que o sinal fechasse e ele pudesse atravessar a rua.

O açougueiro e o cão foram caminhando pela rua, até que o cão parou em uma casa e pôs as compras na calçada. Então, voltou um pouco, correu e se atirou contra a porta. Tornou a fazer isso. Ninguém respondeu na casa. Então, o cachorro circundou a casa, pulou um muro baixo, foi até a janela e começou a bater com a cabeça no vidro várias vezes. Depois disso, caminhou de volta para a porta. Por fim, alguém abriu a porta e começou a bater no cachorro.

O açougueiro correu até esta pessoa e a impediu, dizendo:

-"Por Deus do céu, o que você está fazendo? O seu cão é um gênio!"

A pessoa respondeu:

"Um gênio? Esta já é a terceira vez nesta semana que este estúpido esquece a chave!"

Moral da História:

Você pode continuar excedendo às expectativas, mas para os olhos de alguns você estará sempre abaixo do esperado!



Fé cristã, Igrejas e o Reino de Deus

Jung Mo Sung *

É "natural" que as religiões e as Igrejas, através dos seus ministros e autoridades, pensem que a sua religião ou Igreja é fundamental para a humanidade. Afinal, as pessoas que dedicam suas vidas a uma religião ou a uma Igreja se sentem chamadas por Deus para esta missão. E o que poderia ser mais importante do que Deus e a fé? O problema surge quando dão valor demasiado à sua Igreja, pensando que somente na sua Igreja ou religião pode se conhecer a Deus e a sua vontade. Em outras palavras, pensam que a sua Igreja tem "monopólio" sobre Deus ou a sua Igreja é o critério máximo para julgar outras Igrejas ou religiões, como se Deus não pudesse se revelar para além da sua Igreja. Quando membros de Igrejas pensam desta forma, a missão de anunciar a Deus através do testemunho da sua fé acaba se transformando, infelizmente, na missão de defender a sua Igreja contra as outras.

A fé em Deus é uma aposta que nasce a partir de uma experiência espiritual (que pode se dar dentro de um ambiente religioso ou não) e nos dá um sentido último para as nossas vidas. Até as coisas pequenas da vida adquirem um sentido mais profundo a partir da fé. Por isso que ela é tão importante e marcante na vida de uma pessoa que crê. Só que esta fé não pode ser vivida de modo individualista, isolado de outras pessoas. A fé só se sustenta em comunidade, compartilhando com outras pessoas a mesma visão do mundo e da vida. Por isso é que a fé para ser cultivada necessita de doutrinas, ritos, orações e normas morais compartilhada por um grupo que se reúne em nome da mesma fé.

Sem estes elementos, que compõem uma religião, as comunidades não conseguem vivenciar e partilhar a sua fé. Assim, muitas vezes sem perceber, vão aos poucos

identificando a sua fé com as doutrinas, ritos e normas morais que as comunidades religiosas e Igrejas vão estabelecendo para viver a sua fé no decorrer da história.

A Igreja é útil e necessária para a vida da fé, mas ela não é a mesma coisa que a fé. O mais importante é a fé que move a vida das pessoas em direção a Deus e leva praticar ações que melhoram as relações entre as pessoas e tornam as sociedades mais justas e humanas. Porém, como a religião tem um papel importante na educação da fé, corremos o risco de confundirmos a fé com a religião e de absolutizarmos as formas humanas que criamos para expressar a nossa experiência espiritual e a fé em Deus.

A tendência e a tentação de todas as Igrejas e religiões é de absolutizar as suas doutrinas, ritos e normas em nome de

Deus. Assim, correm um sério risco de ficarem mais preocupadas em defender as suas doutrinas e normas - mesmo que elas não sejam mais compreensíveis ou realizáveis - do que em escutar a voz do Espírito que nos convoca e inspira a vivermos e expressarmos a nossa fé de modo mais adequado para os nossos tempos e novos problemas; que nos convoca a dialogarmos com membros das outras Igrejas cristãs, de outras religiões e com todas as pessoas de boa-vontade em busca de soluções para os graves problemas que afligem o nosso povo.



A tradição bíblica sempre nos ensinou que o Espírito de Deus sopra e atua para além do seu Povo, para além das Igrejas e

pois nada pode impor limites ao seu amor. Amor só é possível em um ambiente de liberdade e de diálogo. E como nos ensina Paulo, "onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (2Cor 3,17). Onde domina o poder, a vontade de conquista e a imposição de uma única forma de ver a Deus e a vida, encontramos obediência e submissão. As Igrejas cristãs da América Latina e do Caribe - em especial a Igreja Católica que vive o momento especial da V Conferência do CELAM - são conclamadas pelos Deus que ouve este clamor, a se unirem em torno de um pobres e oprimidos/as, e por objetivo maior do que a defesa e o crescimento das suas Igrejas: a defesa da vida - o dom maior que recebemos de Deus - através da construção de estruturas sociais mais justas e humanas que libertem todas as pessoas das ameaças da fome, da violência (vide o meu artigo anterior neste site,

"O fundamental e o secundário no discurso do papa Bento XVI" e da humilhação.

Na medida em que as Igrejas cristãs dialogarem e se unirem em torno de objetivos como este poderão ser reconhecidas por todas as pessoas de boa-vontade como sendo realmente testemunhas e anunciadores do Amor de Deus. Porém, sabemos que isto não é algo fácil de ser alcançado. A história do cristianismo na América Latina e Caribe está carregada de opressões, ressentimentos e incompreensões. Eu penso que é hora de

Igrejas cristãs (especialmente a Católica) pedirem e oferecerem mutuamente perdão e reconciliação e se unirem, não no mesmo rito ou normas, mas em torno da grande causa do Reino de Deus, da construção de novas relações pessoais e estruturas econômico-social-político-cultural que, como sinais do Reino de Deus, permitam uma vida digna a todas as pessoas, pois são todas filhas e filhos de Deus.

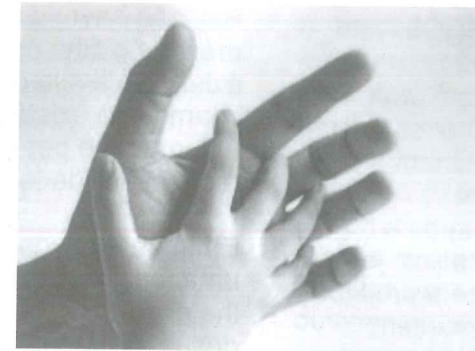
** Professor de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de S. Paulo e autor de **Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise**. Artigo publicado por ADITAL.*

Salve este Portal valioso

Você sabia que o governo brasileiro mantém um Portal, denominado CAPES, de acesso a diversos periódicos científicos nacionais e internacionais, gratuitamente? através desse portal, qualquer estudante universitário ou mesmo profissionais das mais diversas áreas, seja de economia direito, psicologia, computação, engenharias, odontologia, medicina, (praticamente todos os segmentos), sem qualquer custo, pode fazer pesquisas objetivando enriquecer suas monografias, mestrado, doutorado ou qualquer trabalho escolar. Observe que, sem esse portal, você teria que pagar em dólares, cerca de \$1.99 a \$ 20.00 por artigo pesquisado. Infelizmente, devido à baixa procura por este *site* e o alto custo de sua manutenção pelo governo brasileiro, este poderá desativá-lo brevemente. Realmente a procura é muito baixa para a amplitude a que se propõe, isto porque o mesmo não é divulgado. A maioria dos estudantes universitários brasileiros e estudiosos desconhece a existência deste Portal que é uma fonte riquíssima de conhecimento científico. Até hoje ele foi alvo de um seletor público, Quando deveria estar no dia-a-dia das faculdades brasileiras favorecendo a qualquer estudante nas suas pesquisas.

Para que o mesmo continue ativo, divulgue-o junto a seus amigos, familiares e, se for o caso, imprima uma cópia deste e-mail e envie para as faculdades ou universidades de sua cidade.

O endereço do portal CAPES é: www.periodicos.capes.gov.br



**Vivemos tempos de
turbulência e revolução em
muitos aspectos da vida
social e cultural. E de
incertezas.**

Ser pai ou ser amigo?

Jorge La Rosa*

Os avanços e descobertas da Psicologia, a globalização e o fenômeno da internet reuniram tal volume de conhecimentos que ficamos perplexos diante de inúmeras questões que o cotidiano nos apresenta: nossas certezas se esvaem, nossas dúvidas aumentam, corremos o risco de imobilismo e de medo da ação. O que fazer?

Entre essas questões desafiadoras está a da educação. Ser pai ou ser

amigo do filho? Em um mundo onde se fala contra o autoritarismo, e com toda a razão, já que autoritarismo é abuso de autoridade, e ninguém tem o direito de ser autoritário, a tentação pode ser a renúncia à autoridade, à proposição de normas e valores e às respectivas sanções aos infratores e, ainda, a renúncia a uma relação hierárquica, na qual já não se sabe mais quem é filho e quem é pai. Neste contexto pode haver educação?

Relação de amigos

A relação de amigos é uma relação de companheiros que têm afinidades, partilham sentimentos, trocam confidências, vão juntos a festas, cinema, passeios, jogos, estudam juntos, fazem projetos comuns. E, ainda, mantêm outros laços e afinidades aqui não descritos que enriquecem o seu relacionamento.

A relação de amigos é uma relação entre iguais, em que ambos têm a mesma função: a de complementaridade, na qual um complementa as carências do outro já que somos seres limitados e imperfeitos. A amizade, no fundo, é busca de superação de limites e de perfeição maior, geradas pelo convívio e alimentadas pelo embate de idéias e troca de sentimentos. Precisamos decididamente da companhia do outro para nos realizarmos, sozinhos sequer nos tornamos humanos. Mas nesta relação um não é mais que o outro, um não deve obediência ao outro, trata-se de relação simétrica e não hierárquica: entre eles não há autoridade.

A relação pai-filho

A relação pai-filho é de outra natureza. A começar, um deve sua existência ao outro. Sem

Pai, não haveria filho. O pai precede o filho na ordem do existir e é a sua origem. O filho é chamado à existência pelo pai, e é, também e por isso, sua responsabilidade.

Em primeiro lugar o pai exerce uma função nutritiva, compete-lhe prover o necessário para o desenvolvimento da vida biológica e psicológica da criança: alimento, roupa, cuidado e afeto.

O pai exerce também uma função normativa, quer dizer, empenha-se em que seu filho incorpore os valores familiares e sociais, as regras para o convívio, o respeito à vida e ao semelhante, a honestidade em todas as suas formas e contextos. O pai é responsável pela formação do superego de seu filho, quer dizer, pela aprendizagem de normas e valores sociais e morais que tornarão o filho um cidadão responsável e útil à comunidade dos humanos.

O pai tem, ainda, uma função social, ou seja, capacitar esse filho para o exercício de profissão que lhe permitirá o ganha-pão e a própria subsistência no dia de amanhã e, na sucessão das tarefas evolutivas, a construção no futuro de seu próprio lar, tornando-se, então, também ele provedor. Esse filho deve

Ser preparado para exercer sua função social e ocupar o lugar que lhe caberá na construção de um mundo mais humano.

Pai ou amigo?

Para exercer essa tríplice função em relação ao filho, a nutritiva a normativa e a social, o pai está investido de autoridade, isto é, de poder. O poder de decidir em muitas circunstâncias quando o filho ainda não tem condições de discernimento e razão para tomar essas decisões, como administração de vacinas em tenra idade e escolha da escolinha infantil; o poder de estabelecer normas para o funcionamento de sua casa, como horários de estudo e trabalho e horas de folguedo e jogos, e uso da internet, com a participação do filho que deverá ser ouvido no processo, mas que não implicará na renúncia ao princípio do horário; o poder de proibir o uso de bebidas alcoólicas enquanto o jovem não for de maior idade; o poder de estabelecer hora para a volta da festa do adolescente. Enfim, há um sem número de situações em que a autoridade do pai deve ser exercida.

A relação pai-filho, por estar permeada pela autoridade, é uma relação assimétrica, hierárquica. O pai procurará usar o poder do qual está investido para o bem e desenvolvimento do filho e, jamais, como forma de dominação. O filho deverá ser ouvido nas suas razões, quando for capaz de expô-las: que haja diálogo! Mas a palavra final cabe ao pai, que não pode renunciar ao seu papel.

Ser pai, portanto, é muito mais que ser amigo, é uma relação de outra natureza. É claro que o pai pode e deve ser amigo do filho. Mas, a função de pai não se reduz ao papel de amigo. O pai, antes de tudo e depois de tudo, deve ser pai.

Observação: o que se disse para o pai, vale para a mãe. Aliás, muitas das ações e iniciativas no lar, serão tomadas pelo casal. E o que se disse para o filho, vale para a filha.

**Terapeuta de Casal e Família.
Doutor em Psicologia*

- ❖ *Esse modelo de relacionamento é o mais correto? Há pais que adotam outros modelos? Resultados?*
- ❖ *Na relação com os filhos, como exercer autoridade sem dominação?*

Democracia é assim

Opinião da Redação

O lamentável e inacabado episódio Renan deixou a população perplexa e descrente das instituições sagradas da democracia. O Senado chegou ao mais baixo patamar de credibilidade e motivou movimentos públicos de justo repúdio, muitas vezes descambiando para terrenos perigosos.

Houve manifestações de rua insanas e inconseqüentes que chegaram a convocar militares para um golpe "contra isso que está aí". Para o bem da nação, não há e não haverá apoio popular e, nunca mais, clima político para tais aventuras de triste memória. Contra esse mal o país está vacinado.

Por outro lado, o episódio passou a ocupar os espaços da mídia, não sobrando lugar para reportar os passos cotidianos da democracia que se fortalece até



mesmo por esses embates de disputa de poder político. Passa, assim, a impressão de que o Congresso parou, o processo legislativo estaria interrompido e os parlamentares não pensando em outra coisa senão no destino do senador pecuarista.

Felizmente não é assim. O retrato é falso. Câmara e Senado trabalham, centenas de projetos de lei tramitam nas Comissões, leis complexas são discutidas, recebem dezenas e às vezes centenas de emendas, resultam sucessivos relatórios e substitutivos votados fora do plenário, cada projeto ferrenhamente debatido em diferentes Comissões. São, na maioria, projetos de lei sempre importantes mas de menor repercussão na mídia, por nele predominarem aspectos técnicos, aperfeiçoando

mecanismos tributários, orçamentários ou administrativos, propostos tanto pelo poder executivo como por parlamentares mais ativos e competentes, nem sempre estrelas fulgurantes perseguidas por repórteres políticos.

Atualmente, dentre muitos, estão em tramitação no Legislativo dois projetos da maior importância, ambos de iniciativa do executivo: o que mexe na lei de licitações públicas, para reduzir os riscos de corrupção; e a prorrogação da CPMF, o mais justo de todos os tributos ou contribuições jamais instituídos em nosso país. Na lei de licitações, ficará mais difícil os gatuamos de sempre gatunarem os cofres públicos.

Esses são dois exemplos atípicos de atividade legislativa que ainda merecem espaço na mídia, no segundo caso por sua aprovação se tornar moeda de troca de favores políticos, frente ao susto do governo ante a ameaça de perder 40 bilhões de reais por ano dessa CPMF criada no governo da atual oposição...

O que se quer ressaltar é que o Legislativo não está paralisado. Pode-se criticar o comportamento dos parlamentares no jogo do poder, nem sempre estritamente ético, na disputa de cargos, em

alianças inconfessáveis, votando em sessões secretas por pudor de expor no voto seus compromissos subterrâneos ou sua submissão à chantagem contra seu telhado de vidro.

Enquanto isso, revelam-se conquistas promissoras no andar da carruagem democrática. A economia cresce acima da previsão. O IBGE divulga pesquisa animadora. Cresce o emprego formal, com carteira assinada, aumentando a arrecadação da Previdência. A renda média do trabalhador subiu 7,2% e o desemprego desceu quase um ponto percentual em 2006. A desigualdade social cai no país, com índice GINI, que mede a concentração de renda, chegando ao seu nível histórico mais baixo.

Estamos muito distantes do paraíso. Os números indicam uma direção promissora mas a situação do povo é ainda precária. Uma aceleração é necessária na busca de relações econômicas de emprego e renda mais justas, de crescimento econômico orientado para geração de trabalho formal e estável para todos os brasileiros. Mas o país, seus poderes de governo, não estão parados.

Mesmo o sempre criticado poder judiciário por sua lentidão e desvios éticos de alguns

magistrados, não precisou de muitos dias para acolher a denúncia contra todos os 40 personagens envolvidos no mais badalado processo de mau comportamento político dos últimos anos, com respingos de lama para todos os quadrantes.

A democracia é assim. Segundo Winston Churchill, "é o pior sistema político, exceto todos os outros".

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 30 reais (4 números) - Preço para o ano 2007

Livraria MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - CEP 36010-520 - Grambery - Centro

Tel.: (32) 3218-4239

fatoerazao@yahoo.com.br

fatoerazao@gmail.com

"Cada dia é o dia do julgamento, e nós, com nossos atos e nossas palavras, com nosso silêncio e nossa voz, vamos escrevendo continuamente o livro da vida. A luz veio ao mundo e cada um de nós deve decidir se quer caminhar na luz do altruísmo construtivo ou nas trevas do egoísmo. Portanto, a mais urgente pergunta a ser feita nesta vida é: 'O que fiz hoje pelos outros?'"

Martin Luther King

Poema

Beatriz Reis

Mulher,
pleno é teu corpo
oceano profundo
em que vidas se abrem
nas trevas do princípio.

Pleno é teu corpo
perdido no silêncio
desperto de repente
pela luz das manhãs.

Pleno esse corpo
vestido de prazer
despertando com a alvorada
na sinfonia do universo.

Pleno corpo esse ocultando
no mais profundo de si
- fonte pequenina -
a alegria que canta
em silêncio, no escuro,
a perenidade da vida.

Corpo cheio de plenitude
no ultrapassar do prazer
quando deixa para traz o
tempo
e se esquece da prisão do
espaço,
cantando canções jamais
ouvidas,
chorando lágrimas sobre
mares recém-nascidos.



Neta de médico, cansei de ver meu avô ser chamado no meio da noite e sair com maletinha e estetoscópio para atender doentes, às vezes em lugares afastados e considerados não muito seguros. Paraibano de temperamento impetuoso, seu rosto e sua voz se transformavam quando em contato com os pacientes.



Corações em greve

Brincava, sorria, animava. Mais: seus sentidos entravam em contato direto com a corporeidade adoecida do outro. Examinava com as mãos, os ouvidos, os olhos. Não havia para ele outra prioridade naquele momento do que a necessidade daquele doente específico que apelava à sua ciência.

A vida passou, meu avô morreu quando eu ainda era jovem e a vida me fez cruzar com vários médicos em meu caminho. Em quase todos, encontrei a mesma disponibilidade, a mesma entrega, o mesmo amor pela profissão e pelos pacientes daquele paraibano que viera estudar medicina no Rio e se

casara com uma carioca. E eu acreditei e dei fé que o juramento de Hipócrates que os médicos fazem quando se formam é mesmo para valer. Ou melhor, acreditava nisso até tomar ciência, no último domingo, da morte de Elizangela Ferraz, jovem paraibana cardíaca, que necessitava de uma cirurgia urgente para ter esperança de viver. Acontece que os corações dos médicos paraibanos, todos conterrâneos de meu querido avô, não se encontravam disponíveis naquele momento. A categoria estava em greve, à espera de uma revisão da tabela do SUS.

A mãe e a irmã de Elizangela, desesperadas, tentavam de tudo e mais um pouco. Ofereceram-se, inclusive, para pagar o anestesista. A resposta era sempre implacável. "Estamos em greve. Há que ter paciência". O coração combalido de Elizangela fazia esforços sobre-humanos para continuar batendo. E a greve seguia.

Domingo, o coração de Elizangela parou. Era uma morte anunciada. A lucidez dessa moça de 28 anos, que pressentia o que estava para lhe acontecer, a fez comentar poucos dias antes de morrer, em entrevista: "Não sei se estarei aqui amanhã. Estou dependendo dessa greve". Com uma arritmia cardíaca, Elizangela morreu antes de chegar ao hospital.

Caros doutores, onde estamos? Que preço tem a vida humana? Onde está o juramento que fizeram ao terminar a faculdade? Como pode não haver um único cirurgião que se disponha a operar uma moça que tem problema cardíaco grave e cuja única chance de viver é a cirurgia que lhe negam em nome de uma greve?

Não digo que a greve não seja justa. A tabela do SUS está defasada há dez anos. A categoria tem razão em protestar e usar o único instrumento de que dispõe para

pressionar o governo. Tomara que a greve ajude a reflexão sobre o que sucede no Brasil com as profissões mais nobres e importantes: a de professor e a de médico. Com seus salários aviltados a um ponto insuportável, esses profissionais acabam deixando a profissão ou acumulando um sem número de empregos e prejudicando a qualidade de sua inestimável contribuição para o bem comum.

No entanto, para tudo há limites. Não há reivindicação justa que valha mais do que uma vida humana. Um doente não tem paciência. Tem urgência. E o coração de Elizangela tinha urgência de ser reconstruído e reparado por uma cirurgia que a medicina podia lhe dar. Se assim



tivesse sido, ainda bateria até agora. Desatendido, extinguiu-se.

Diante da dor dos familiares de Elizangela, além do silêncio respeitoso e compassivo, urgem atitudes claras e eficazes. Por onde anda a ética profissional e os princípios que defende? Por onde anda aquilo que me faz

humano, que é principal e primeiramente a obrigação para com cada ser que comigo partilha a condição humana? Que a fragilidade do coração de Elizangela, vencido pela arritmia, possa comover os corações dos médicos do serviço público e ajudá-los a nunca mais fazer greve quando se trata de salvar uma vida.



A sopa de pedra

Um frade pobre, que andava em peregrinação, chegou a uma casa e, entre faminto e constrangido demais para simplesmente pedir comida, pediu aos donos da casa que lhe emprestassem uma panela para ele preparar uma sopa de pedra... E tirou da sua bolsa uma bela pedra lisa e bem lavada. Os donos da casa ficaram curiosos e, de imediato, deixaram entrar o frade para a cozinha e deram-lhe a panela. O frade colocou a panela ao lume só com a pedra, mas logo disse que era preciso temperar a sopa... A dona da casa deu-lhe o sal, mas ele sugeriu que era melhor se fosse um bocado de chouriço ou toucinho. E assim foi! Então, o frade perguntou se não tinham qualquer coisa para engrossar a sopa, como batatas ou feijão que tivessem restado da refeição anterior... Assim se engrossou a sopa "de pedra". Juntaram-se couves, cenouras, mais a carne que estava junta com o feijão e, evidentemente, resultou numa excelente sopa. Comeram juntos a sopa e, no final, o frade retirou cuidadosamente a pedra da panela, lavou-a e voltou a guardá-la na sua bolsa... para a sopa seguinte!

Confiança

O cimento que une o casal

Deonira L. Viganó La Rosa*

A confiança é o fundamento de todas as relações de troca. Ela é a rocha na qual o casal se apóia. O casamento repousa sobre a confiança, sobre a palavra dada: Ser casal é ser aliado. Quando você confia, você se abre totalmente ao outro, na certeza de que ele nunca usará estas confidências contra você.

Infelizmente, no seu casamento e no de todas as pessoas, esta confiança é muitas vezes

abalada pelas pequenas e grandes indelicadezas cometidas. Então, não espere que a confiança resulte de comportamento perfeito; ela vem da responsabilidade.

O que se espera é que os dois sejam responsáveis e reconheçam seus erros, construindo e re-construindo a confiança pelo diálogo, pela meditação, pela ação e, sobretudo, pelo perdão.

Criar confiança é expor-se...

A união dos corações e dos corpos, em paz e em serenidade, se constrói sobre a confiança que os parceiros têm, um no outro. Esta confiança se exprime especialmente no despir-se de corpo e de coração. Quando confia, você não usa a máscara que esconde segredos, mas se desnuda diante do outro, no sentido próprio e no sentido figurado, expõe seu rosto, sua alma, seu corpo, sua verdade, seus erros, e entrega seu coração e seu corpo, na esperança de uma troca.

Você pode sonhar que o outro, ou você, são sempre dignos de confiança. Mas, quem de nós não é a toda hora confrontado com suas fragilidades e egoísmos? Nem por isso estamos diante de um caminho sem saída. Basta aceitarmos ser verdadeiros e pedir ao outro que nos ajude.

Dizer ao outro: "Eu preciso de ti – tu me conheces – ajuda-me" é permitir que ele nos ame tal qual somos e é manifestar confiança nele. É permitir, a ele também, ser verdadeiro com suas fragilidades.

O que quebra a confiança não são as fragilidades (estas na

verdade nos aproximam uns dos outros – descobrimo-nos irmãos na nossa humanidade, feita de fragilidades). O que quebra a confiança é a auto-suficiência, o orgulho, o julgamento, a condenação, a mentira.

A imagem das duas torres

Imagine duas altas torres feitas de desejo, de saber e de orgulho. Você está no alto de uma delas e sua mulher, no alto da outra. Quando ambos conversam do alto destas torres o único jeito possível é através do envio de flechas, de não-diálogos, de gritos.

O verdadeiro diálogo consiste em descer de sua torre e subir um instante na torre do outro, depois descer juntos desta segunda torre e, humildemente, ao pé dela, decidir (re)fazer a aliança.

O diálogo está mais para perdão. Perdoar é fazer um dom perfeito (per – doar). É primeiramente você aceitar descer de sua torre de marfim, parar de considerar o outro como a fonte de todos os males, aceitar sua parte de responsabilidade, dar-se conta do que o outro pensa, deseja, espera. É tomar a iniciativa, é agir. As pessoas confiam em você em função daquilo que

você faz, elas não podem ver as suas intenções. Tenha especial cuidado para não perder a credibilidade, pois é difícil confiar em pessoa que diz uma coisa e faz outra.

Casal cristão e a reconstrução da confiança

Os cristãos têm um texto que exprime fortemente isto: O lava-pés. Humildemente, Jesus lavou os pés dos seus discípulos (tarefa reservada aos escravos), ele que é o Senhor e o Mestre. E disse "O que vos peço é que vos laveis os pés uns aos outros" – isto é, que vocês se despojem e se deixem cuidar pelos outros.

Os cristãos fundam sua confiança, não sobre o fato de que são mais fortes do que os outros e mais capazes de ser fiéis, mas sobre a certeza de que Cristo e seus irmãos poderão sempre ajudá-los, cuidá-los, permitir-lhes acesso ao verdadeiro amor, se eles aceitarem.

Entre esposos, cada um tem a missão de ser um pouco o Cristo para o outro ... pouco a pouco, eles aprendem a amar-se, não

mais na condição de que o outro não os aborreça, mas gratuitamente, até dar sua vida pelo outro.

Somos capazes de nos lavar os pés uns dos outros?

Criar confiança, desnudar-se, expor-se é um pouco pôr-se de joelhos diante da humanidade do outro. Este apelo para ir além de uma natureza humana frequentemente transtornada e ferida, funda a esperança de uma aliança que perdura, de um engajamento verdadeiro. É um ato de pobreza em relação a si mesmo e de dom.

No casamento entre cristãos esta confiança é significada pela troca de consentimentos: *Eu te recebo como esposa e eu me dou a ti*. O serviço recíproco é sinal, para os cristãos, de Cristo servidor.

**Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. Leitura: Confiança, de D. Balmelle, conselheira conjugal na AFCCC.*

"Nestes tempos, vale a pena ser honesto. A concorrência é menor" (Millôr Fernandes)

INTEGRISMO e repressão

Helio e Selma Amorim*

Uma postura vaticana repressora volta a se abater sobre teólogos e leigos que contestam doutrinas obsoletas ou questões mal resolvidas na vida da Igreja.

A valorização do Jesus histórico que não nega a sua natureza divina, mantida oculta durante a sua vida para que a encarnação não se reduzisse a simples encenação, condena teólogos brilhantes. São igualmente silenciados os que questionam o celibato forçado dos sacerdotes, a proibição da participação na Eucaristia e o não reconhecimento da sacramentalidade da união de divorciados que voltam a se casar.

A condenação do uso de contraceptivos se não aqueles equivocadamente chamados *métodos naturais*, as novas possibilidades suscitadas pela bio-ética, prontamente demonizadas, e outras orientações ou normas

canônicas e pastorais anacrônicas continuam sendo tratadas como questões fechadas, que não admitem discussões, não obstante os avanços das ciências humanas e a inconsistência das bases teológicas que as sustentam. Frente a esses questionamentos, a única reação da autoridade religiosa, em qualquer nível, é a ameaça de condenação, os expurgos, proibições de ensinar ou falar em espaços controlados pela Igreja - nunca a análise franca e desarmada frente a argumentos consistentes e proposições inovadoras.

Ora, doutrinas, disciplinas e normas impostas pela Igreja em passado ainda recente foram sendo abolidas ou reformuladas radicalmente, seja por avanços das ciências e da teologia, seja por generalizada e fecunda desobediência eclesial dos cristãos... que simplesmente ignoram e descartam o que, segundo a sua consciência, não tem sentido.

Bastam algumas lembranças. O famoso Index dos livros proibidos desapareceu, e as teorias de Darwin, já agora muito desenvolvidas e documentadas, são ensinadas nas escolas católicas. A separação entre corpo e alma, como duas realidades distintas e superpostas, herança do neoplatonismo, já não é a base da doutrina católica. A história humana é valorizada, não é tempo de degredo ou exílio, e o mundo não deve ser entendido passivamente como um vale de lágrimas. O cristão é desafiado a empenhar-se na construção de um mundo justo e fraterno, para que assim seja feita a vontade de Deus, o Reino anunciado, aqui na terra, como já prometido para o céu.

Foi arquivada a estranha contabilidade das indulgências com que se aliviaria o tempo de estadia no purgatório, uma espécie de inferno temporário para purgação dos pecados, de que hoje raramente se fala. Tampouco se passa a idéia de que os justos que não conheceram o Deus dos cristãos estejam impedidos de salvar-se e encontrá-lo, para a vida e a felicidade eternas. Já não se ousa afirmar que *"fora da Igreja não há salvação"* e que os bilhões de asiáticos que não conhecem Jesus mas veneram Buda ou Krishna estarão fora

dos planos da salvação. E o limbo foi abolido...

Quanto às mulheres, transitam hoje livremente pelos recintos sagrados dos altares, ousadia antes proibida, são ministras da Eucaristia, presidem celebrações litúrgicas onde faltam sacerdotes. Seus véus simbólicos da submissão foram abolidos. A hóstia consagrada é agora tocada não somente, como antes, pelos dois dedos consagrados dos sacerdotes mas por mãos femininas e masculinas, as missas são celebradas na língua de cada país, o celebrante se apresenta de frente para o povo. A participação na Eucaristia não mais se subordina ao jejum da meia-noite e ao confessionário, valorizando-se a consciência dos cristãos.

Muitas "verdades" e normas tão rígidas e "definitivas" *do passado*, como se vê, não eram tão verdadeiras e imutáveis como se apresentavam. Muitas outras *do presente* também certamente não o são. Assim devem ser entendidas. Será preciso um aprendizado sério para discernir entre verdades permanentes definitivas e "verdades" provisórias, questionáveis sob a ótica da humanização. Se uma doutrina, norma ou orientação pastoral aponta para a

humanização, em determinada cultura ou circunstância social e histórica, é verdadeira e convergente com o projeto de Deus. Se desumaniza, ainda que em outra época ou cultura talvez humanizasse, torna-se hoje um obstáculo ao projeto humanizador de Deus. Deve ser modificada, purificada ou revogada.

Prender-se a doutrinas fechadas e rígidas, normas absolutas e orientações autoritárias surdas aos clamores do Povo de Deus, é uma postura anti-evangélica a que não se devem curvar os bons teólogos e os demais cristãos que receberam o dom de uma fé adulta. Para a credibilidade da Igreja e a pureza da fé, tantas vezes postas em risco, não tanto pelos que a questionam e incomodam mas, bem mais, pelos que defendem um integrismo

prepotente e punitivo de que um dia terão que pedir perdão. Reformulações, portanto, continuarão e são necessárias para a depuração da fé e a credibilidade da Igreja. Essa credibilidade é sempre seriamente atingida quando posições integristas ou fundamentalistas conseguem impor-se sobre a saudável busca de novas formas de vivência eclesial e de atualização de doutrinas, requeridas pelas constantes e cada vez mais aceleradas mudanças das sociedades em que a mensagem evangélica tem penetrado.

Por isso, pronunciamentos recentes que apontam para um aparente retrocesso na caminhada saudável da Igreja não encontrarão tal disposição no Povo de Deus.

**Editores de Fato e Razão, do MFC*

O sapo (só para professores)

A jovem encarou um sapo que lhe falou:

"Querida, sou um professor recém-formado. Uma bruxa malvada me transformou em sapo. Se você me beijar eu volto a ser o que sou e me caso com você".

Ela pegou o sapo e colocou na bolsa. Foi caminhando e o beijo não acontecia. O sapo foi ficando impaciente.

"Por que me pegou e está me levando? Você não vai me beijar?"

Ela respondeu.

"Nada disso. Um sapo falante vale muito mais que um marido professor".



Escutatória

Rubem Alves*

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular.

Escutar é complicado e sutil. Diz o Alberto Caeiro que "não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma". Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Aí a gente que não é cego abre os olhos. Diante de nós, fora da cabeça, nos

campos e matas, estão as árvores e as flores. Ver é colocar dentro da cabeça aquilo que existe fora. O cego não vê porque as janelas dele estão fechadas. O que está fora não consegue entrar. A gente não é cego. As árvores e as flores entram. Mas - coitadinhas delas - entram e caem num mar de idéias. São misturadas nas palavras da filosofia que mora em nós. Perdem a sua simplicidade de existir. Ficam outras coisas. Então, o que vemos não são as árvores e as flores. Para se ver e preciso que a cabeça esteja vazia.

Faz muito tempo, nunca me esqueci. Eu ia de ônibus. Atrás, duas mulheres conversavam. Uma delas contava para a amiga os seus sofrimentos. (Contou-me uma amiga, nordestina, que o jogo que as

mulheres do Nordeste gostam de fazer quando conversam umas com as outras é comparar sofrimentos. Quanto maior o sofrimento, mais bonitas são a mulher e a sua vida. Conversar é a arte de produzir-se literariamente como mulher de sofrimentos. Acho que foi lá que a ópera foi inventada. A alma é uma literatura. É nisso que se baseia a psicanálise...) Voltando ao ônibus. Falavam de sofrimentos. Uma delas contava do marido hospitalizado, dos médicos, dos exames complicados, das injeções na veia - a enfermeira nunca acertava -, dos vômitos e das urinas. Era um relato comovente de dor. Até que o relato chegou ao fim, esperando, evidentemente, o aplauso, a admiração, uma palavra de acolhimento na alma da outra que, supostamente, ouvia. Mas o que a sofredora ouviu foi o seguinte: "Mas isso não é nada..." A segunda iniciou, então, uma história de sofrimentos incomparavelmente mais terríveis e dignos de uma ópera que os sofrimentos da primeira.

Parafraseio o Alberto Caeiro: "Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma." Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele

dizer, que é muito melhor. No fundo somos todos iguais às duas mulheres do ônibus. Certo estava Lichtenberg - citado por Murilo Mendes: "Há quem não ouça até que lhe cortem as orelhas." Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...

Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos, estimulado pela revolução de 64. Pastor protestante (não "evangélico"), foi trabalhar num programa educacional da Igreja Presbiteriana USA, voltado para minorias. Contou-me de sua experiência com os índios. As reuniões são estranhas. Reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. (Os pianistas, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio, como se estivessem orando. Não rezando. Reza é falatório para não ouvir. Orando. Abrindo vazios de silêncio. Expulsando todas as idéias estranhas. Também para se tocar piano é preciso não ter filosofia nenhuma). Todos em silêncio, à espera do pensamento

essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio. Falar logo em seguida seria um grande desrespeito. Pois o outro falou os seus pensamentos, pensamentos que julgava essenciais. Sendo dele, os pensamentos não são meus. São-me estranhos. Comida que é preciso digerir. Digerir leva tempo. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se falo logo a seguir são duas as possibilidades. Primeira: "Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava eu pensava nas coisas que eu iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado." Segunda: "Ouvi o que você falou. Mas isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou." Em ambos os casos estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada. O longo silêncio quer dizer: "Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou." E assim vai a reunião.

Há grupos religiosos cuja liturgia consiste de silêncio. Faz alguns anos passei uma semana num mosteiro na Suíça, Grand Champs. Eu e algumas outras pessoas ali estávamos

para, juntos, escrever um livro. Era uma antiga fazenda. Velhas construções, não me esqueço da água no chafariz onde as pombas vinham beber. Havia uma disciplina de silêncio, não total, mas de uma fala mínima. O que me deu enorme prazer às refeições. Não tinha a obrigação de manter uma conversa com meus vizinhos de mesa. Podia comer pensando na comida. Também para comer é preciso não ter filosofia. Não ter obrigação de falar é uma felicidade. Mas logo fui informado de que parte da disciplina do mosteiro era participar da liturgia três vezes por dia: às 7 da manhã, ao meio-dia e às 6 da tarde. Estremeci de medo. Mas obedeci. O lugar sagrado era um velho celeiro, todo de madeira, teto muito alto. Escuro. Havia aberto buracos na madeira, ali colocando vidros de várias cores. Era uma atmosfera de luz mortíça, iluminado por algumas velas sobre o altar, uma mesa simples com um ícone oriental de Cristo. Uns poucos bancos arranjados em "U" definiam um amplo espaço vazio, no centro, onde quem quisesse podia se assentar numa almofada, sobre um tapete.

Cheguei alguns minutos antes da hora marcada. Era um grande silêncio. Muito frio, nuvens escuras cobriam o céu e corriam, levadas por um vento

impetuoso que descia dos Alpes. A força do vento era tanta que o velho celeiro torcia e rangia, como se fosse um navio de madeira num mar agitado. O vento batia nas macieiras nuas do pomar e o barulho era como o de ondas que se quebram. Estranhei. Os suíços são sempre pontuais. A liturgia não começava. E ninguém tomava providências. Todos continuavam do mesmo jeito, sem nada fazer. Ninguém que se levantasse para dizer: "Meus irmãos, vamos cantar o hino..." Cinco minutos, dez, quinze. Só depois de vinte minutos é que eu, estúpido, percebi que tudo já se iniciara vinte minutos antes. As pessoas estavam lá para se alimentar de silêncio. E eu comecei a me alimentar de silêncio também. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia. Eu comecei a ouvir.

Fernando Pessoa conhecia a experiência, e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras, no lugar onde não há

palavras. E música, melodia que não havia e que quando ouvida nos faz chorar. A música acontece no silêncio. É preciso que todos os ruídos cessem. No silêncio, abrem-se as portas de um mundo encantado que mora em nós - como no poema de Mallarmé, A catedral submersa, que Debussy musicou. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos.

Me veio agora a idéia de que, talvez, essa seja a essência da experiência religiosa - quando ficamos mudos, sem fala. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar. Para mim Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto... (O amor que acende a lua, pág. 65.).

**Escritor, poeta, psicanalista.*

- ❖ *Também não gostamos de escutar? Prestar atenção no que o outro nos fala? "Já sei o que ele vai dizer"...O silêncio também nos incomoda?*
- ❖ *Falta-nos paciência para ouvir e refletir? É possível cultivar o poder e o gosto de refletir?*

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC

Telefone: (32) 3214-2952 - e-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- "Drogas: dependência e recuperação"
- "Drogas: mitos e preconceitos"
- "Violência na família"
- "Família na escola"
- "Diálogo & diálogo"
- "Violência e insegurança"
- "Separações e divórcio"



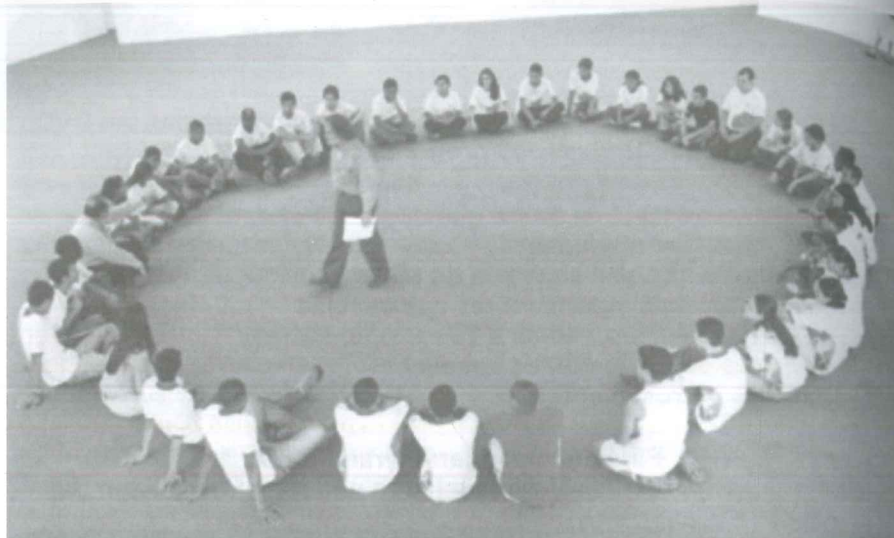
DVD - 2

- "Drogas desafio para o educador"
- "Drogas: da negação à onipotência"
- "Criança agressivas"
- "Aprendizagem bloqueada"
- "Cuidar da voz"
- "Motricidade oral"
- "A família moderna"
- "Sexualidade"



DVD - 3

- "Violência urbana"
- "Insegurança e medo"
- "Idade e maturidade"
- "Ética – princípios que regem as relações humanas."
- "Ética na política"
- "Auto-estima sem narcisismo"
- "Casamento rompido"
- "Relacionamento conjugal e familiar"
- "Identidade e auto-realização"



Para uma educação nova e inclusiva

Marcelo Barros *

Uma das promessas do presidente para este segundo mandato é dar prioridade à educação. É bom sabermos que um terço dos brasileiros freqüentam diariamente a escola.

São mais de 2,5 milhões de professores e 57 milhões de estudantes matriculados em todos os níveis de ensino. Estes

números apontam um crescimento no nível de escolaridade do povo brasileiro. Embora não se deva confundir escolaridade com educação que é muito mais ampla e vivencial, a escolaridade é um elemento importante para a melhoria do nível de desenvolvimento do país. As estatísticas mostram que, em três anos, o analfabetismo no Brasil diminuiu de 16% a 10%. Entretanto, no ensino fundamental, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) descobriu que, só no ano 2005, 16% dos jovens entre 15 e 17

anos desistiram de freqüentar o curso antes de concluí-lo. Ancelmo Góis julga que chegam a 40% os jovens que desistem da escola (Folha de S. Paulo, 07/01/2007). O motivo principal, dizem, é a falta de motivação.

Isso revela que a Escola e seus conteúdos ainda continuam distantes e separados do cotidiano da vida dos jovens. Em uma sociedade na qual, mesmo meninos de periferia navegam nos mais interativos sites da internet, os currículos e métodos da escola não podem continuar a ser pensados para uma sociedade de cultura clássica que não condiz mais com nossa realidade crua e nua. A proposta do Ministério da Educação de incluir Filosofia e Sociologia no currículo das escolas de ensino fundamental pode ajudar, mas não basta para demolir o muro que separa a Escola da vida da juventude.

No nível superior, em quatro anos, o governo federal criou mais dez universidades no interior do Brasil e ampliou para mais 48 os campos universitários em cidades do interior. O PROUNI, programa que possibilita que os pobres tenham acesso a universidades privadas, antes só acessíveis a quem tem

dinheiro, ofereceu 108.025 bolsas de estudos em instituições privadas de ensino superior para o 1º semestre de 2007. Do total de bolsas, 64.719 são integrais e 43.306 parciais. Tudo se constitui como conquistas positivas para a educação no Brasil.

Mesmo os povos indígenas, antes absolutamente abandonados, contam com atenção oficial. Desde 2002, a oferta de escolaridade para os índios cresceu em 47%. Atualmente, 172.256 índios de diversas etnias freqüentam escolas bilíngües e nas quais, além de estudar o programa que todos os brasileiros estudam, eles aprendem com professores indígenas e em sua língua própria, a história de seus povos e a valorização de suas culturas autônomas.

Todas estas conquistas não justificam o menor descuido. O próprio presidente da República, ao frisar que, neste segundo mandato, dará prioridade à educação, reconhece que, no primeiro mandato, houve falhas neste setor. Ele sabe que a educação é um setor fundamental para o desenvolvimento. Mesmo se, somente a educação não liberta um povo do colonialismo e da servidão social e econômica,

sem educação, ninguém se liberta.

Toda educação tem um objetivo claro a ser alcançado. No Brasil e na maioria dos países do mundo, desde o ensino básico até a universidade, a educação tem se tornado treinamento de técnicos para a sociedade da informação ou para o setor tecnológico.

Considera-se "educação científica" uma mera preparação para o mercado de trabalho. Aquele processo existencial pelo qual a criança e o adulto a ser educados se preparam para viver melhor e de forma mais humanizada, foi abandonado. A escola e a educação apenas referendam e aprofundam o modelo social e econômico com o qual a sociedade dominante organiza o mundo e o convívio entre os seres humanos. Ora, esta realidade está bestializando os seres humanos, tornando-os feras uns para os outros, destruindo o planeta e o ambiente no qual vivemos. Ao legitimar e reforçar esta realidade social e econômica, a educação se revela incapaz de cumprir sua missão. Ela serve apenas aos interesses de lucro de 20% dos seres humanos.

Na contramão desta tendência dominante, grupos de educadores/as vêm oferecendo

importantes contribuições para uma educação integral e libertadora. Insistem na importância de um método educacional interativo, no qual os educandos sejam protagonistas ativos.

Aprofundam a pedagogia do ser, que se propõe a desenvolver não só o intelecto racional, mas os sentimentos e valores humanos para que o educando, resgatado em sua inteireza de ser humano, possa construir os conhecimentos através de um processo de integração consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que vive. Isso coincide com as 3 ecologias das quais fala Félix Guattari.

A **ecologia pessoal** trabalha o "eu-corpo", nossa casa primeira, intelecto e emoções, desenvolvendo a cognição, expressão e compreensão daquilo que nos toca diretamente. A **ecologia social** trabalha as relações na sociedade, desde a sala de aula, o bairro até a cidade, o país e o mundo. Este processo educacional sabe que, para a manutenção de todas estas vidas, dependemos da salvaguarda da Terra, nossa casa maior, através da recuperação e defesa do meio a que pertencemos. É a **ecologia ambiental**.

Nas sociedades antigas, as religiões tinham a função de educar, ou seja, orientar, conduzir as pessoas ao interior de si mesmas, à descoberta do outro e ao mistério mais profundo da vida que a maioria das tradições chamam de Deus.

No século XXI, elas precisam reconhecer que falharam nesta missão e necessitam, elas mesmas, se reeducarem na busca do essencial. Esta dimensão espiritual humana e

aberta é um desafio importante para a educação, em todos os seus níveis. É preciso, portanto, que o governo brasileiro, não somente dê prioridade à educação, mas ajude a sociedade a discutir que modelo e linhas de educação servem, hoje, ao futuro do nosso país.

** Monge beneditino e autor de 26 livros. E-mail:*

mosteirodegoias@cultura.com.br.

Publicado em ADITAL.

Também somos como os macacos?...

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula. No meio, uma escada e sobre ela um cacho de bananas.

Quando um macaco subia na escada para pegar as bananas, os cientistas jogavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros o pegavam e enchiam de pancada. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não subia mais a escada.

Um segundo macaco foi substituído e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado com entusiasmo na surra ao novato. Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu. Um quarto, e afinal, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas então ficaram com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles porque eles batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: "Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui".



Receitas espertas para convencer

Editorial

Que a mídia é o quarto poder da república todos sabem. John K. Galbrath afirma que o poder se exerce em três modalidades: poder de premiar, de castigar ou de convencer. A mídia usa esta terceira.

Para convencer o leitor, ouvinte ou telespectador a aceitar a sua verdade, não basta informar com isenção os fatos, acolhendo análises e opiniões divergentes para oferecer dados ao receptor, permitindo-lhe formar sua própria opinião, ou seja, fazer jornalismo. É preciso manipular a notícia, selecionar os articulistas e entrevistados, cuidar para que só se transmita o que confirma a sua verdade e desqualifica os que a ela se opõem.

Os artifícios e instrumentos de manipulação são variados e quase sempre eficazes. Vamos desocultar alguns e ajudar os mais ingênuos a se armarem de um mínimo de capacidade crítica para identificá-los.

A manchete principal da primeira página tem um peso especial. É a primeira leitura de quem compra e de quem não compra o jornal, exposto em milhares de bancas de jornaleiros para chamar a atenção de quem passa pelas ruas. O mais hábil mentor do jornal é o responsável pela criação dessa mensagem diária, a serviço do convencimento de leitores de manchetes que não vão ler o texto da matéria. Exemplo: o jornal tem posição feroz contra o governo. Sai a manchete, em letras gordas: **"Governo incentiva favelização"** (O Globo). Simplesmente genial.

Poucos vão ler a explicação em letra miúda: "foi reduzido o imposto sobre material básico de construção". Ricos e pobres vão pagar menos na compra de cimento, tijolos, material elétrico e mais uma dezena de itens, para baratear a construção de suas casas... parte de um programa de desoneração seletiva de impostos direcionado a alguns setores industriais, alimentos, exportação.

Nas páginas internas, os títulos das matérias e sua colocação e largura na página tem enorme importância. Um título em letras graúdas no alto da página, em toda a sua largura, dará um peso especial ao recado. O título é sempre afirmativo e pode ser capcioso. O texto da matéria, que nem todos lerão, usa o verbo no condicional. Título: **"Deputado usou laranjas para criar empresas"**. Afirmativo. No texto: "O deputado **teria usado** laranjas para...". Condicional, suspeita ainda não comprovada. Para o leitor, é o que fica e será passado adiante: a sentença já passou em julgado.

Na TV, mais poderosa, uma versão distorcida da verdade, repetida por muitos dias, em formulações variadas, com voz e expressão facial apropriada do apresentador para convencer o espectador ingênuo ou distraído, acaba assimilada como a

verdade verdadeira. Daí em diante ele passará essa verdade adiante, confirmada pelo refrão: "deu na televisão". Uma meia verdade é uma meia mentira ou mentira inteira. Mas não pode o jornal ou emissora ver seu furo de reportagem reduzido a mico desmoralizante. Já que mentiu, continuar mentindo até que a mentira se transforme em verdade, como ensinava o nazista Goebbels.

Para desqualificar o discurso ou entrevista de autoridade ou político: ao longo de sua fala, o personagem dirá coisas interessantes, lógicas e construtivas; dirá também alguma asneira ou fará afirmações equivocadas, talvez até alguma gafe estridente ou agressão grave ao idioma... Durante seu desempenho, será filmado todo o tempo ou fotografado a cada momento, ora expressando confiança e segurança, ora preocupação e temores; às vezes estará rindo, coçando a cabeça, outras de cenho franzido. Os títulos e chamadas da matéria serão as asneiras e tropeços; as fotos escolhidas, sempre as mais ridículas ou incongruentes com a seriedade dos fatos. Os textos que poucos lerão, conterão alguns aspectos interessantes e afirmações pertinentes do discurso, para não sair o tiro pela culatra com a desqualificação,

não do personagem mas a do veículo.

É muito importante, também, a divulgação de episódios grotescos ou depreciativos do adversário. Uma vaia ou um gesto obsceno de uma autoridade merecem o alto da primeira página. Aliás, recordando Nelson Rodrigues: "Povo no estádio vaia até minuto de silêncio"...

Receita para expor qual é "a opinião pública" sobre um assunto emergente qualquer: selecionar as cartas de leitores do jornal e as entrevistas-relâmpago de rua na TV; editar as melhores a favor da posição do veículo e publicar "democraticamente" uma ou duas opostas, escolhidas como as mais ingênuas e inconsistentes. Por fim, é preciso relativizar-se esse quarto poder. A mídia é poderosa na formação de

opinião pública até certo ponto. A audiência dos noticiários de rádio ou TV e o número de leitores de jornais e revistas, são restritos. Uma grande parcela do povo está ausente desse universo de privilegiados freqüentadores da mídia opinativa. Isto explica por que as pesquisas de opinião ou resultados de eleições não correspondem às posições mais ou menos uniformes dos mais poderosos meios de comunicação. Aliás muito úteis quando isentos e na prática bem sucedida do debate aberto e do jornalismo investigativo, mesmo quando movido às vezes por interesses menos transparentes.

A liberdade de imprensa é sagrada para que a democracia aconteça. Por ela muitos foram presos, torturados e mortos nas longas noites das ditaduras.

Fique por dentro: leia e assine Rede
uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial - nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Não fique sério...

Três presentes

Eram três filhos que saíram de casa, conseguiram bons empregos e prosperaram. Anos depois, eles se encontraram e estavam discutindo sobre os presentes que eles conseguiram comprar para a mãe deles, que já era bem idosa.

O primeiro disse:

- Eu consegui comprar uma mansão enorme para a nossa mãe.

O segundo disse:

- Eu mandei para ela uma Mercedes zerada com motorista.

O terceiro sorriu disse:

- Com certeza, ganhei de vocês dois! Vocês sabem como a mamãe gosta da Bíblia, mas ela está praticamente cega e não consegue mais ler. Então, mandei pra ela um papagaio marrom, raríssimo, que consegue recitar a Bíblia todinha. Foram 12 anos de treinamento num mosteiro, por 20 monges diferentes. Eu tive de doar R\$ 100 mil por ano para o mosteiro, durante 10 anos, mas valeu a pena. Nossa mãe precisa apenas dizer o capítulo e

versículo que o papagaio recita sem um único erro!

Meses depois, os filhos receberam da mãe uma carta de agradecimento pelos presentes:

"Milton, a casa que você comprou é muito grande. Eu moro apenas em um quarto, mas tenho que limpar a casa todinha."

"Marcos, eu estou muito velha para sair de casa e viajar. Eu fico em casa o tempo todo, então nunca uso o Mercedes que você me deu. E o motorista também é muito mal educado."

"Querido Mário, você é o único filho que teve bom senso, pra saber do que a sua mãe realmente gosta. Aquela galinha estava deliciosa, muito obrigada!"

Suspeito

Nos Estados Unidos, um árabe suspeito hospedou-se num luxuoso Hotel.

Em torno das 17:00, o marido telefonou para o serviço de quarto e disse:

- TU TI TU TU TU TU!

A recepcionista não

compreendeu e, pensando tratar-se de uma mensagem cifrada, avisou imediatamente o FBI.

Num piscar de olhos, apresentaram-se dois agentes do FBI, mas, após horas de observação, estudos e suposições, não conseguiram decifrar a mensagem. Então, chamaram a CIA.

Tais serviços secretos mandaram mais agentes ao hotel, e também passaram a investigar para tentar decifrar a mensagem, sem qualquer resultado.

Algum tempo depois, sem obter o retorno do chamado, o homem voltou a telefonar para a recepcionista. O esquadrão de agentes ouviu, então, a mesma mensagem:

- TU TI TU TU TU TU!

Desesperados, os agentes resolveram chamar um tradutor oficial do árabe.

Um caça supersônico, do Pentágono, pousou instantes depois no aeroporto John F. Kennedy trazendo o tradutor oficial, o qual foi conduzido, sem mais delongas, ao Hotel onde estava o suspeito. Chegando ao hotel, o tradutor, disfarçado de criado, foi até o apartamento 222 e descobriu o mistério.

- O hóspede está querendo dizer "Two tea to 222" ("dois chás para o 222")...

Confessionário

Se faltarem padres no futuro, será implantado o sistema de confessionários eletrônicos. Numa pequena sala com isolamento acústico, você se ajoelhará diante de um teclado e apertará a tecla Start. Uma voz comandará a sua confissão: "Você solicitou uma confissão. Introduza o seu cartão e tecla a sua senha."

"Confere. Informe há quanto tempo não se confessa. Um mês, tecla 1; dois meses, tecla 2; três meses ou mais, tecla 3".

"Você digitou 3; pressione a tecla Confirmo ou a tecla Corrigir."

"Você confirmou; informe agora o seu principal pecado: atos violentos, tecla 1; atos contra o patrimônio alheio, tecla 2; adultério, tecla 3; corrupção com dinheiro público, tecla 4".

"Você digitou 3; pressione a tecla Confirmo ou a tecla Corrigir."

Você confirmou; informe quantas vezes: uma vez, tecla 1, duas vezes, tecla 2; três vezes ou mais, tecla 3."

"Você digitou 3; pressione a tecla Confirmo ou a tecla Corrigir."

"Passe para o segundo pecado." A confissão prossegue.

"Concluída a confissão: pressione a tecla Confirmo ou a tecla Corrigir."

"Você confirmou; retire o seu cartão; aguarde a impressão completa do comprovante da absolvição condicionada ao cumprimento da penitência,

indicada no talão amarelo, na saída à sua esquerda. Vá em paz, o Senhor o acompanhe".

No Tribunal

Diálogos reais registrados no livro "Desordem no Tribunal".

I.

Advogado : Doutor, o senhor se lembra da hora em que começou a examinar o corpo da vítima?

Testemunha: Sim, a autópsia começou às 20:30h.

Advogado : E o sr. Décio já estava morto a essa hora?

Testemunha: Não... Ele estava sentado na maca, se perguntando porque eu estava fazendo aquela autópsia nele.

II.

Advogado : Doutor, antes de fazer a autópsia, o senhor checou o pulso da vítima?

Testemunha: Não.

Advogado : O senhor checou a pressão arterial?

Testemunha: Não.

Advogado : O senhor checou a respiração?

Testemunha: Não.

Advogado : Então, é possível que a vítima estivesse viva quando a autópsia começou?

Testemunha: Não.

Advogado : Como o senhor pode ter essa certeza?

Testemunha: Porque o cérebro do paciente estava num jarro sobre a mesa.

Advogado : Mas ele poderia estar vivo mesmo assim?

Testemunha: Sim, é possível que ele estivesse vivo e cursando Direito em algum lugar!

Uai !

Num certo dia, um empresário viajava pelo interior. Ao ver um peão tocando umas vacas, parou para lhe fazer algumas perguntas:

- Acha que você poderia me passar umas informações?

- Claro, sô!

- As vacas dão muito leite?

- Qual que o senhor quer saber: as maiáda ou as marrom?

- Pode ser as malhadas.

- Dá uns 12 litro por dia!

- E as marrons?

- Também uns 12 litro por dia!

O empresário pensou um pouco e logo tornou a perguntar:

- Elas comem o que?

- Qual? As maiáda ou as marrom?

- Sei lá, pode ser as marrons!

- As marrom come pasto e sal.

- Hum! E as malhadas?

- Também come pasto e sal!

O empresário, sem conseguir esconder a irritação:

- Escuta aqui, meu amigo! Por que toda vez que eu te pergunto alguma coisa sobre as vacas você me diz se quero saber das malhadas ou das marrons, sendo que é tudo a mesma resposta?

E o matuto responde:

- É que as maiáda são minha!
- E as marrons?
- Também!

Bilhete

O homem vai a uma estação ferroviária para comprar um bilhete.

- Quero uma passagem para o Esbui - solicita ao atendente.
- Não entendi; o senhor pode repetir?
- Quero uma passagem para o Esbui!
- Sinto muito, senhor, não temos passagem para o Esbui. Aborrecido, o homem se afasta do guichê, se aproxima do amigo que o estava aguardando e lamenta:
- Olha Esbui, o homem falou que prá você não tem passagem não!

Pescaria

Os dois pescadores se encontram no ponto de ônibus para uma pescaria.

- Então cumpade, tá animado?
- Pergunta o primeiro.
- Eu tô, home!
- Ô cumpade, pro mode quê tá levano esses dois embornal?

- É que tô levano uma pingazinha, cumpade.
- Pinga, cumpade? Nós num tinha acertado que num ia bebê mais?!

- Cumpade, é que pode aparece uma cobra e pica a gente. Ai nós desinfeta com a pinga e toma uns gole que é pra mode num sinti a dô.

- É... e na outra sacola, o que qui tá levano?
- É a cobra, cumpade. Pode num tê lá...

Terra fértil

Uma pesquisadora do IBGE bate à porta de um sitiozinho perdido no interior.

- Essa terra dá mandioca?
- Não, senhora. - responde o dono.
- Dá batata?
- Também não, senhora!
- Dá feijão?
- Nunca deu!
- Arroz?
- De jeito nenhum!
- Milho?
- Nem brincando!
- Quer dizer que por aqui não adianta plantar nada?
- Ah! ... Se plantar é diferente.

"Será que vai chover?"

"Se você ainda não sabe qual é a sua verdadeira vocação, imagine a seguinte cena: você está olhando pela janela, não há nada de especial no céu, somente algumas nuvens aqui e ali. Ai chega alguém que também não tem nada para fazer e pergunta:

- *Será que vai chover hoje?*

Se você responder "com certeza"... a sua área é Vendas: o pessoal de Vendas é o único que sempre tem certeza de tudo. Se a resposta for "sei lá, estou pensando em outra coisa"... então a sua área é Marketing: o pessoal de Marketing está sempre pensando no que os outros não estão pensando. Se você responder "sim, há uma boa probabilidade"... você é da área de Engenharia: o pessoal da Engenharia está sempre disposto a transformar o universo em números.

Se a resposta for "depende"... você nasceu para Recursos Humanos: uma área em que qualquer fato sempre estará na dependência de outros fatos. Se você responder "ah, a meteorologia diz que não"... você é da área de Contabilidade: o pessoal da Contabilidade

sempre confia mais nos dados do que nos próprios olhos. Se a resposta for "sei lá, mas por via das dúvidas eu trouxe um guarda-chuvas", então seu lugar é na área Financeira que deve estar sempre bem preparada para qualquer virada de tempo.

Agora, se você responder "não sei"... há uma boa chance que você tenha uma carreira de sucesso e acabe chegando à diretoria da empresa.

De cada 100 pessoas, só uma tem a coragem de responder "não sei" quando não sabe. Os outros 99 sempre acham que precisam ter uma resposta pronta, seja ela qual for, para qualquer situação.

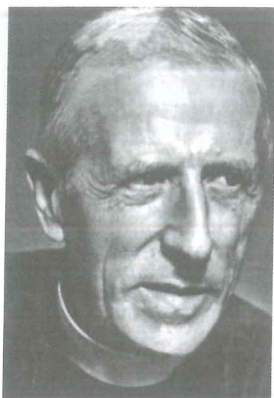
"Não sei" é sempre uma resposta que economiza o tempo de todo mundo, e pré-dispõe os envolvidos a conseguir dados mais concretos antes de tomar uma decisão. Parece simples, mas responder "não sei" é uma das coisas mais difíceis de se aprender na vida corporativa.

Por quê?

Eu sinceramente "não sei".

Artigo de Antonio Ermírio de Moraes, empresário - publicado na Revista Exame)

*"Se todos fossem gordos, as pessoas estariam mais próximas".
(Autor desconhecido)*



O Eterno Descobrimento

Teilhard de Chardin

Deus não se apresenta aos nossos seres finitos como uma coisa já completamente acabada que vamos abraçar.

Deus é, antes, para nós o eterno Descobrimento e o eterno crescimento. Quanto mais julgamos compreendê-lo, mais ele se mostra diferente do que julgávamos.

Quanto mais julgamos tê-lo agarrado, mais Ele recua, atraindo-nos para as profundezas de Si próprio.

Quanto mais nos aproximamos dele, por todos os esforços da natureza e da graça, mais ele aumenta com o mesmo movimento, a sua atração sobre as nossas potências e a receptividade das nossas potências a essa divina atração.

Passos reais

Pe. Virgílio Uchôa* e Plínio A Sampaio**

Estamos todos de acordo. É urgente a reforma política. O que falta para concretizá-la? Urge situar a atual discussão a partir de jogos de interesse, motivações e situações históricas vividas.

O regime de exceção, concluído com a derrubada da ditadura, debilitou a caminhada democrática no país nestes últimos anos. O processo democrático, que teve pontos altos no movimento chamado *Diretas Já* e na *Constituinte de 1988*, nem de longe logrou implantar plenamente a legítima e autêntica democracia.

Falta muito para a efetiva participação do povo nas decisões políticas. É bem verdade que muitas conquistas da *Constituinte de 1988*, obtidas pela pressão popular da

sociedade civil organizada, refletem avanços. Não foi à toa que o ano de 1988 ficou conhecido como o momento da *Constituição cidadã*. Os desdobramentos posteriores em pouquíssimos momentos trouxeram o povo às ruas. Lembram-se do impedimento do presidente Collor?

O avanço da globalização financeira reforçou a burocracia neoliberal que ocupou todos os espaços de forma avassaladora. Como consequência, diminuí ou quase desaparece a consciência do bem comum no trato da coisa pública. O cidadão e a cidadã distanciam-se dos seus representantes políticos que por eles são procurados apenas em vista das eleições.

Neste contexto, o sistema de escolha de candidatos fica condicionado a interesses corporativistas dominantes. Há pouca incidência de pressão popular na vida política. Trata-se de um grande obstáculo. Inviabilizam-se, assim, mudanças efetivas capazes de



Manifestação por "Diretas já" - 1985

induzir políticas públicas voltadas ao bem comum e às garantias de direitos universais na área da educação, saúde, habitação, emprego, entre outras.

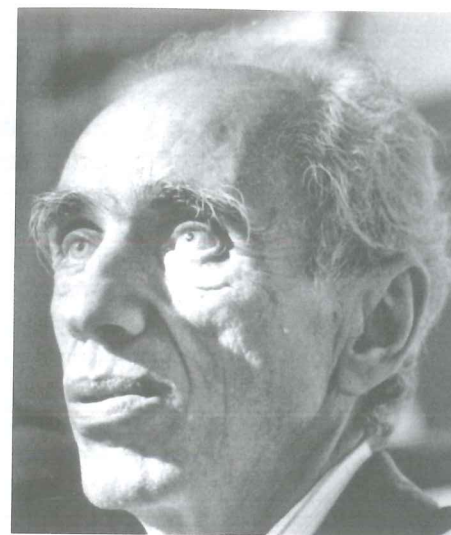
Há uma visível privatização da política, de seus representantes e, conseqüentemente, da discussão das normas capazes de implantar a desejada e necessária reforma. Neste contexto falta clareza a respeito dos objetivos da reforma política e de quais são os seus atores principais. Os personagens da reforma devem ser o povo, o legislativo e o executivo. O povo deveria estar na rua, mobilizado e atento. Mas não está. O executivo encontra-se atrelado, casuisticamente, a interesses imediatos, sob a desculpa de

governabilidade. E o legislativo, eticamente desmoralizado e incapaz de sair das próprias questiúnculas internas.

Os passos reais para a reforma política, verdadeira e planejada, precisam ser precedidos de um amplo e decidido movimento para fazer do cidadão-povo o ator principal de um projeto de nação. Sem a vontade política de se querer construir uma nação diferente da que aí está, perde-se tempo e não se chegará a lugar algum. Sem esses preliminares, qualquer passo rumo à autêntica reforma política se tornará inconsistente, ineficaz, produzindo apenas uma ficção ou pseudo-reforma. Insistir em reformas pontuais e casuísticas, quase sempre em função de interesses de sobrevivência da atual classe política, é suicídio. Interessa sim, e muito, a todos os cidadãos e cidadãs a reforma política aliada a um projeto de país diferente: um país cujo presente e futuro sejam politicamente pautados pelos reais interesses da maioria da população que necessita estar adequadamente representada nos atuais quadros institucionais de decisões.

**Padre católico, pároco da Igreja Mãe dos Migrantes de Brasília - DF.*

***Editor do Jornal Correio da Cidadania, (REDE)*



Utopia

**Trechos de texto escrito em 1985 pelo saudoso Betinho (Herbert de Souza), durante sua luta contra a miséria e a fome, com a Ação da Cidadania.*

O discurso neoliberal só poderá ser levado a sério no dia em que for capaz de levar até as últimas conseqüências seus próprios princípios: liberdade para todos, o Estado e a Nação para todos. Enquanto a liberdade existir só para o capital e seus produtos, enquanto a repressão estatal e as barreiras nacionais existirem para controlar e reprimir seus produtores e consumidores, enquanto os liberais adorarem a liberdade abstrata do mercado e discriminarem os trabalhadores ativos e aposentados, o

neoliberalismo continuará sendo o que é: um discurso sobre a liberdade e uma farsa, porque o que assistimos, hoje, em escala mundial e nacional, não é a universalização do acesso à riqueza pela mão do mercado, mas o *apartheid* social que separa o Norte do Sul e os ricos dos pobres. Nada melhor para testar uma idéia do que levá-la até as últimas conseqüências.

No que diz respeito ao meu engajamento na esquerda evolui de uma visão estreita e

autoritária em seus métodos, muito dogmática, em direção a uma outra visão da política, afastando-me da esquerda clássica. A questão da democracia se tornou, cada vez mais, a preocupação central. Matizei e tornei relativo o papel dos partidos. Reforcei a importância da ética como fator de construção da política. Em meu espírito, apareceram outros princípios, que qualifico de democráticos. Eles existem na realidade mas não os encontro na teoria.

Por exemplo, a descentralização. Estou convencido de que descentralização e democracia devem andar juntas. Tudo o que vai no sentido da centralização é autoritário.

Outro princípio importante aos meus olhos é o reconhecimento da diferença, da diversidade, como meio mais eficaz de mudança. As pessoas geralmente querem trabalhar na unanimidade e na unidade. A história da esquerda reflete, ao mesmo tempo, uma busca desesperada de uma unidade e uma prática, não menos desesperada, da divisão. Quanto mais a esquerda procura a unidade, mais ela se divide. Parece que foi condenada a uma danação bíblica. Logo que a esquerda apareceu, Deus a expulsou do paraíso terrestre

exclamando: "Viverás na divisão!".

(...) Quando emito opiniões publicamente, fico bem atento na repercussão que elas podem ter sobre a Ação da Cidadania, principalmente em períodos eleitorais. Mas não posso me tornar prisioneiro, das conveniências políticas. Se precisar chocar e levantar polêmicas, não hesito, na medida em que considero tratar-se de algo importante. Não pratico o jogo das conveniências, pois, ao fim de um certo tempo, o público se dará conta. Serei acusado, então, de escrever só o que me convém. Não, eu não aceito isso.

Minhas tomadas de posição freqüentemente desagradam tanto à esquerda quanto à direita. Não me arrependo. A primeira vez que isso aconteceu foi nos últimos anos da ditadura, na época do general João Baptista Figueiredo (1979-1985). O país estava paralisado por uma onda de greves, em um clima de afrontamento com o governo, e o perigo de uma desestabilização do processo democrático era real. O movimento culminou com a greve dos médicos do Nordeste, durante a qual um doente morreu por falta de cuidados.

Pegando esse exemplo e outros relacionados com as paralisações de serviços do setor público, escrevi um artigo intitulado "Chegou a hora da reflexão", destinado, é claro, aos operários e aos sindicatos, que colocava em questão a onda de greves. Surpresa e escândalo. Eu explicava, principalmente, que um médico não tem o direito de recusar sua assistência a um doente. Trata-se para mim, de uma questão ética, e não política.

O artigo foi publicado na maioria dos jornais brasileiros. Dois anos mais tarde, durante uma viagem de avião, um passageiro se aproximou de mim e mostrou o artigo, que guardava no bolso, e me disse: "Jamais me separo deste artigo!".

Ele se entusiasmara ao lê-lo. Mas quando eu o havia redigido, simplesmente colocara no papel o que todo mundo pensava e dizia. Entretanto, ninguém tinha coragem de se contrapor aos sindicatos e ao pensamento dominante da esquerda. Não tenho medo da contradição. Não quero me opor simplesmente pelo prazer da provocação, mas há momentos em que devemos ousar e fazer com que ouçam nossa voz.

(...) Creio que minha reflexão sobre a ética e a democracia me dá uma nova configuração da utopia. Para mim, a utopia não é uma construção ideal nem é ficção científica... como no caso do urbanista que decide realizar a cidade utópica do século 21. A utopia só tem sentido quando se liga ao concreto, ao real. Cada situação encerra uma possibilidade e um desenvolvimento que não tem, necessariamente, limites, mas sua origem está ancorada no real, no concreto, no aqui e agora. O "xis" do problema está na ligação que deve ser feita entre o "aqui e agora" e o "longe e mais tarde". Como articulá-los?

Partindo da ética, é possível formular os cinco princípios bem concretos da democracia: **igualdade, liberdade, diversidade, participação e solidariedade**. Uma sociedade só é democrática se esses cinco princípios existirem simultaneamente, não separadamente. Nenhum deles é limitado. Para mim, é isso que dá à democracia sua dimensão utópica. Não chegaremos jamais à sua realização completa, mas seus princípios nos inspiram e iluminam nosso caminho (...)"



O povo papai

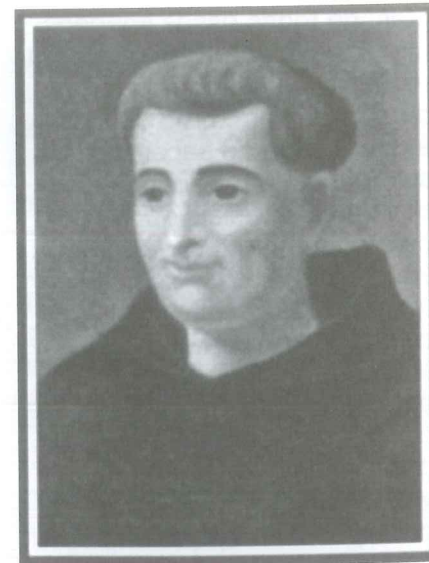
Ivone Gebara *

Não vou escrever sobre a visita do Papa e sobre seus pronunciamentos. Muita tinta já correu a esse respeito. Quero falar um pouco do povo papai, isto é, das pessoas que não mediram esforços para estar perto do Papa. Creio que as milhares de pessoas presentes nas missas e aparições públicas do Papa tinham milhares de sentimentos em relação a ele. Cada um e cada uma transformavam o Papa à imagem de suas necessidades e sonhos. Em conjunto

reproduziam os fenômenos coletivos em torno de alguém reconhecido como especial por seus diferentes dons e qualidades. O fenômeno é semelhante quando se trata de um cantor célebre ou de um conjunto musical ou de um ator que atrai numerosas fãs, embora a repercussão e os efeitos sejam diferentes. No caso do Papa, a mídia brasileira teve um papel fundamental para criar a necessidade em muitas pessoas e grupos de ver o Papa. Conseguiram vender bem o produto teuto-romano e torná-lo brasileiro. Todas as pessoas entrevistadas sobre as razões

pelas quais queriam ver o Papa pareciam tocar emoções íntimas. Não havia análise, nem reflexão crítica, nem grande novidade. Na verdade não conheciam o modelo de Igreja proposto pelo Papa. Não conheciam qual o Cristianismo Católico Romano que ele representava e quais as políticas internacionais ele reforçava. A maioria falava da visita do Papa como se ele fosse fazer acontecer o que cada um imaginava que devia acontecer para a Igreja Católica, para o Brasil e para o mundo.

A mídia legitimada pelos poderes capitalistas e pela maioria dos representantes oficiais da Igreja Católica fez de Bento XVI um fenômeno religioso de massa e uma fonte de lucro certo para pequenos e grandes empreendedores. Qual é o saldo real na vida do povo? O que entenderam de fato de sua mensagem centrada em um catolicismo em muitos aspectos anterior ao Concílio Vaticano II? O que ficou para o povo das reformas do Mosteiro de São Bento, do Seminário e das ruas de Aparecida, das melhorias no Santuário, da porcelana de Limoges usada pelo Papa? Que políticas a canonização de Frei Galvão fortaleceu? Que visão do Cristianismo Católico ficou para o povo latino-americano? E por



que hoje há mais de três dezenas de pessoas brasileiras à espera de canonização? Ouso dizer, com tremor e temor, que de tudo isso ficou a lembrança da camiseta comemorativa, da bandeirinha, da foto do Papa agora pendurada na sala, das aventuras da viagem, do sofrimento do qual se diz que valeu a pena. Ficou a dívida a pagar por conta do empréstimo feito, ficou o roubo de que se foi vítima na viagem, ficou o desemprego para alguns, ficou o cansaço para os mais velhos e em breve o esquecimento para muitos. A mídia fez e desfez o espetáculo. Os jornais quase já não falam mais do Papa e nem de seu amor pelo Brasil ou pela América Latina e Caribe.

Mas, de todas essas imagens me impressionou especialmente ver a quantidade de prelados purpurados em torno do papa e a quantidade de sacerdotes, seminaristas, religiosos todos com vestes oficiais aprovadas pelo poder central católico e à venda nas lojas de grife religiosa. Lá se viam os cônsules, os pró-cônsules, os soldados de diferentes categorias que agitados bailavam e incensavam o altar, o Papa, o povo ao som de vozes singelas. Outros, os príncipes com vestes amplas e tiaras reluzentes, sentados diante do Pontífice Romano, extasiados, contemplavam a figura imperial cujas vestes bordadas com ouro e prata, faziam dele o protagonista principal do espetáculo. Um espetáculo mediático grandioso, com câmaras televisivas, retransmissores potentes, papamóvel e milhares de seguranças pelos locais onde passava Sua Santidade. Quase sem querer me chegam às analogias do "pão e do circo" para o povo, além do espetáculo do pretenso poderio romano, de direito divino, sobre todos os povos. E no meio dessa memória espetacular, lembrei-me carinhosamente de Hannah Arendt (1), dizendo que no âmago da política romana está a idéia de que todos os territórios

conquistados devem repetir a mesma fundação romana. A fundação amplia-se para os limites das conquistas romanas "como se o mundo todo não fosse mais do que um quintal romano". Todos falando a mesma linguagem, amando as mesmas coisas, obedecendo aos mesmos ritos e fiéis à mesma organização e ao mesmo Imperador. E, é preciso não esquecer que esta é uma sociedade prioritariamente masculina. Só há príncipes e cônsules célibes e celibatários. Não há princesas, nem consulesas. Mulheres lembradas ou permitidas, só aquelas que entram na lógica da dependência e submissão ao poder romano.



Dorothy Stang, as profetisas camponesas contra a multinacional Aracruz, as feministas na luta pela dignidade das mulheres não tiveram lugar. E, ainda bem, pois não podiam aceitar a confirmação do espetáculo do qual não se

sentiam parte em momento algum. Fico me perguntando por que tantos bispos, padres e seminaristas e outros e outras se parecem a órfãos em busca de pai? Por que este delírio "papal"? A que necessidade corresponde este comportamento? Por que esta emoção de tocar no pretenso sucessor de Pedro? Haveria mesmo um sucessor de Pedro? Não se poderia falar de sucessores? Sim, por que a história ensina que o papado foi uma invenção do Império Romano em expansão. Não haveria lugar para, ao se criticar os impérios do mundo, os bispos criticarem e mudarem também a forma imperial da Igreja Católica Romana? Não poderiam assumir uma postura menos reducionista

da História passada, limitada a uma única interpretação, como se fosse a única verdade? O convite ao pensamento está sempre de pé.

Mas, de tudo isso é o povo que mais me preocupa. São os jovens alienados pelo espetáculo religioso e acreditando poder mudar o mundo através dele. O que me dói é o crescimento da alienação e a dificuldade de amar a vida como ela é, amor que é condição para transformá-la a partir do poder e do bem que estão em nós.

Nota:

(1) Arendt, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo, Perspectiva, 2005, p. 162.

**Teóloga. Publicado por ADITAL.*

Autonomia nas ações

Conta um escritor que certo dia acompanhou um amigo até à banca de jornais onde este costumava comprar o seu exemplar diariamente. Ao se aproximarem do balcão, seu amigo cumprimentou amavelmente o jornaleiro e como retorno recebeu um tratamento rude e grosseiro. O amigo pegou o jornal, que foi jogado em sua direção, sorriu, agradeceu e desejou um bom final de semana ao jornaleiro. Quando caminhavam pela rua, o escritor perguntou ao seu amigo:

- *Ele sempre o trata assim, com tanta grosseria?*
- *Sim, respondeu o rapaz. Infelizmente é sempre assim.*
- *E você é sempre tão polido e amigável com ele? - perguntou novamente.*
- *Sim, eu sou, respondeu prontamente seu amigo.*
- *E por que você é educado, se ele é tão grosseiro e inamistoso com você?*
- *Ora, respondeu o jovem, porque não quero que ele decida como eu devo ser.*

A terra está morrendo

Rubem Alves*

Alguns dos meus livros estão espondongados: lombadas descoladas, folhas soltas, outras rasgadas. Estão assim pelas muitas vezes que com eles fiz amor repetido e furioso. Outros livros estão perfeitos. São virgens. Nunca desejei fazer amor com eles.

De todos os meus livros os que mais amo e que, por isso mesmo, estão em pior estado, são as obras de Nietzsche. Quando li Nietzsche pela primeira vez eu me espantei e

disse: *"Esse homem passeia por lugares da minha alma que não conheço! Aí comecei a ler, lê-lo para saber-me.*

Ele escreveu em alemão. Mas o meu alemão é capenga, anda manquitolando, tenho de usar o dicionário como bengala. Vou trôpego, devagar. E perco o essencial: a música da sua escritura. Por isso valho-me das maravilhosas traduções de Walter Kaufmann para o inglês. Para se traduzir Nietzsche não basta saber alemão; é preciso ser poeta.

Agora, na velhice, minha grande preocupação é o fim do mundo.

A Terra está morrendo. Os cientistas já fazem cálculos acerca dos poucos anos que lhe restam. Convivo bem com a idéia da minha morte. Mas a idéia da morte da Terra é-me insuportável. Até já escrevi um "uai-cai" (é assim que se escreve em Minas...) triste sobre o fim do mundo:

"O último sabiá canta seu canto...

Que pena!

Já não há ninguém para ouvi-lo..."

Relendo A Ciência Alegre de Nietzsche reencontrei-me com o seu texto mais famoso, aquele em que ele diz que "Deus morreu". Mas poucos se deram ao trabalho de lê-lo. Alguns chegam a caçoar. No metrô de Nova Iorque um pichador garatujou no azulejo: "Deus morreu. As. Nietzsche. Nietzsche morreu. As. Deus..."

E de repente, à medida em que eu o digeriria antropofagicamente, o texto foi se apossando de mim. E ficou parecido comigo. Resolvi então reescrevê-lo colocando "Terra" nos lugares onde Nietzsche havia escrito "Deus".

A cena: um louco grita numa praça. Dirige-se àqueles que ali estão. Eles riem e zombam. "O que aconteceu com a nossa Terra?" - ele gritou. "Pois vou lhes dizer. Nós a

matamos - vocês e eu. Todos nós somos seus assassinos. Mas como é que fizemos isso? Como é que fomos capazes de beber os rios e comer as florestas? Quem nos deu a esponja para apagar os horizontes do futuro? O que fizemos quando partimos a corrente que ligava a Terra à Vida? Para onde ela irá? Vagará pelo Nada infinito? Esse hálito que sentimos, não é o hálito da morte? E esse calor! Os gelos estão se derretendo. Já se vê o cume negro do Kilimanjaro, outrora vestido com a brancura da neve. O mar subirá. O sol está mais quente e mortífero. Temos de nos proteger contra os seus raios. E esse barulho que ouvimos em todos os lugares - o ruído das fábricas, o barulho das bolsas de valores - não será, porventura, o barulho dos coveiros que a enterram? O ar que respiramos é o ar da decomposição. A Terra está morta. Nós a matamos. Como poderemos nós, os assassinos da Terra, nos confortar a nós mesmos? A Terra, extensão do nosso corpo, a mais sagrada, sangrou até a morte sob nossos punhais... Quem nos limpará desse sangue? Relatou-se depois que, naquele mesmo dia, o louco entrou em várias bolsas de valores, bancos e indústrias e lá cantou o "Requiem para a Terra Morta". Retirado de lá e compelido a se explicar, a cada vez ele disse a mesma

coisa: "Que são esses
templos do progresso se não

os sepulcros da Terra?"

*Teólogo, Poeta, escritor, psicanalista.

Lucidez

"O homem lúcido sabe que a vida é uma carga tamanha de acontecimentos e emoções que nunca se entusiasma com ela, assim como não teme a morte. O homem lúcido sabe que viver e morrer são o mesmo em matéria de valor, posto que a Vida contém tantos sofrimentos que a sua cessação não pode ser considerada um mal".

"O homem lúcido sabe que é o equilibrista na corda bamba da existência. Sabe que, por opção ou acidente, é possível cair no abismo, a qualquer momento, interrompendo a sessão do circo".

"Pode também o homem lúcido optar pela Vida. Aí então, ele esgotará todas as suas possibilidades. Passeará por seu campo aberto e por suas vielas floridas. Saberá ver a beleza em tudo. Terá amantes, amigos, ideais. Urdirá planos e os realizará. Resistirá aos infortúnios e até às doenças. E, se atingido por algum desses emissários, saberá suportá-los com coragem e mansidão".

"Morrerá o homem lúcido de causas naturais e em idade avançada, cercado por filhos e netos que seguirão sua magnífica aventura. Pairará então, sobre sua memória uma aura de bondade. Dir-se-á: aquele amou muito e fez bem às pessoas.

"A justa lei máxima da natureza obriga que a quantidade de acontecimentos maus na vida de um homem iguale-se sempre à quantidade de acontecimentos favoráveis. O homem lúcido que optou pela Vida, com o consentimento de Deus, tem o poder magno de alterar esta lei. Na sua vida, os acontecimentos favoráveis estarão sempre em maioria".

"Esta é uma cortesia que a Natureza faz com os homens lúcidos."

Não desanimar jamais

Jorge Leão*

A tristeza ainda respira nos cantos isolados dos abrigos noturnos, em companhias sombrias da dor e do abandono...

O passado funesto das vidas em culpa parece comandar o presente imprevisível que nos reserva surpresas.

A aquarela da grande transformação almejada está dentro de ti, doce criatura divina, manifestação do Universo em harmonia cósmica.

Na passagem ligeira pela Terra em mudança, corre muitas vezes para longe o teu coração. Contudo, um desejo de paz amedronta os ruídos da guerra, assim que podes ouvir o canto dos pássaros emergindo no frio da madrugada.

Doce companhia nas horas incertas, de dor e desconsolo, em que tudo parece distante de nossos mais profundos sentimentos e sonhos.

O canto da vida irrompe, contudo, da noite do desânimo, ainda que tantos relâmpagos, trovões e tempestades nos causem temor, ou tragam duros desafios, e por vezes lamentos...

Mas o que seria dos ventos, sem a planície que permite a sua passagem? O que seria da travessia da vida sem a tormenta das ondas a conduzir para seu destino o barco da existência?

A noite é escura, mas no seio da madrugada, os primeiros raios de sol surgem...

O tempo resvala na mata fechada de nossa alma, mas sempre passa um córrego ao lado, para quem almeja águas límpidas e frescas...

Mais pureza que o infinito do céu, apenas o olhar que dele extrai um sentido de paz, e esse olhar pode ser o teu...

Mais beleza que a primavera das rosas, apenas o vasto campo que torna possível expandir seus aromas pelo horizonte, e essas pétalas podem ser as tuas.

Se alguma coisa te entristece, lembra-te da candura de uma criança, ao ver seu barquinho seguir o curso do rio...

Se alguma coisa te enobrece, reza para que tenhas coragem de compartilhar este bem com os que te rodeiam e recomeçar...

Pois, acima de tudo, tu és a jóia mais rara que a Natureza moldou, na janela misteriosa da vida que se renova a cada abraço amoroso...

Não desanimes, quando avistares obstáculos...

Eles têm a única função de te levar para mais longe.

Tu abrigas, em teu jovem coração sedento por felicidade, a graça de fazeres novamente o trabalho da colheita matinal.

Assim, sempre será possível ver para além do horizonte...

No balbuciar do choro de uma criança, está presente a vida que aspira crescer...

Por isso, não te deixes abater pelos momentos difíceis, que a todos visitam...

Tu és a criança que ainda vai nascer...

Tu és a flor que desabrochou no coração dos que te amam...

Tu és a expressão mais bela da grandeza de Deus, pois a terra canta os passos de quem nela cultiva amor e beleza...

Jamais estarás sozinha, pois a memória do passado apenas nos faz mais fortes no presente...

Por isso, não desanimes com os ventos, eles, seguramente, passam, deixando revigoradas as raízes das árvores que ficaram na planície...

**Professor de Filosofia do CEFET-MA*

MAR DE CRISTAL

Talvez eu, mineiro de quatro costados, descenda dos Christo, ciganos que aterrorizaram a região de Ribeirão Preto em tempos antanhos e que, não duvido, guardam parentesco com o artista plástico de origem búlgara de mesmo nome, famoso por embrulhar monumentos como o Reichstag, o parlamento alemão. Digo-o por ser um viajor inveterado. Não que me sinta atraído por terras estranhas ou estrangeiras. Bem observava meu pai ao afirmar que viajo, mas não passeio.

Sim, no íntimo acalento o sonho de habitar uma cartuxa, cultivar em torno da ermida uma horta para consumo próprio e não me ocupar senão de orar e escrever.

A vida de pregador, a cuja Ordem religiosa pertenço, leva-me aos quatro cantos do mundo. O que me intriga, pois não tenho nada especial a dizer.

Não detenho títulos acadêmicos, nem fiz nenhuma descoberta ou teoria que mereça propaganda. Por que tantos convites, em especial da Europa, onde sobram mentes muito mais cultas e iluminadas do que a minha? Ninguém é juiz de si mesmo, ensinam o Evangelho e também Marx que, como bom judeu, herdou influências bíblicas. Se me é dado direito a uma opinião, direi que sou convidado, não pelo que teria a dizer, mas por ser um otimista inveterado.

Eis o que esperam de mim, com perdão da redundância: esperança. Para a cultura predominante na Europa ocidental, confortavelmente assentada nos êxitos econômicos da União Européia, o presente é o futuro. Resta preservá-lo. De que é feito esse presente? De consumismo. Produtos, objetos dos sonhos de gerações passadas, encontram-se, agora, ao alcance da maioria, como carros. Na Espanha há 36,9 milhões de habitantes e 46 milhões de telefones celulares. Esse bem-estar atrai imigrantes pobres que a Europa trata de afugentar. Em fevereiro, a Agência Européia de Controle de Fronteiras (Frontex) passou a policiar oito aeroportos europeus

para vigiar o fluxo de imigrantes latino-americanos. Estão sob controle os aeroportos de Madri, Barcelona, Lisboa, Paris, Amsterdã, Milão, Roma e Frankfurt. Apegado à sua ordem e progresso - que para nós é apenas um lema na bandeira - o europeu ocidental se pergunta: para quê? É isto a vida, mera reprodução biológica em condições excelentes de consumo e bem-estar?

Na falta de sentido, os europeus investem na satisfação dos sentidos. Ingerem mais comida e bebida e, também, mais drogas. Alguns poucos, como meus anfitriões, se indagam: até quando viveremos nesse mundo de opulência (gastam, por ano, o equivalente a 15 bilhões de reais apenas com sorvete!) cercados por um mundo de tanta pobreza?

Vou mundo afora semeando esperança, partilhando minha fé abraâmica no ser humano. Sim, sou menos crédulo agora que já me foi dado dispor de 2/3 do tempo médio de vida humana. Não mais espero a coincidência entre o meu tempo pessoal e o tempo histórico. Já não creio no homem e na mulher novos, frutos do casamento de Teresa

**Frei Betto é escritor, autor de "Típicos Tipos" (A Girafa), entre outros livros. Crônica publicada por ADITAL.*

de Ávila com Ernesto Che Guevara. Todos nós, humanos, temos defeito de fabricação, que a Bíblia chama de pecado original. Nem por isso deixo de acreditar que, um dia, haveremos de criar uma sociedade cujas instituições inibam nossas tendências nefastas e perversas.

Nisto reside a minha esperança: de que o novo não decorre de um ilusório sentimentalismo que nos induziria a amar o próximo como a si mesmo. A solidariedade virá como exigência política; caso contrário estará em risco a vida na Terra. Não é o asteroide Apofis, que se aproximará da Terra em 2029, que nos ameaça. É o nosso modelo concentrador de renda, devastador da natureza e excludente dos direitos humanos. Então muitos compreenderão que o socialismo é a expressão política do amor.

Tudo isso me veio à cabeça ao aguardar o metrô numa estação de Madri, cujo nome me soa literário: Mar de Cristal. Belo título para um romance. Como não hei de escrevê-lo, utilizo-o para batizar esta crônica.

O vendedor de palavras

Ouviu dizer que o Brasil sofria de uma grave falta de palavras. Em um programa de TV, viu uma escritora lamentando que não se liam livros nesta terra, por isso as palavras estavam em falta na praça. O mal tinha até nome de batismo, como qualquer doença grande, "indigência lexical".

Comerciante de tino que era, não perdeu tempo em ter uma idéia fantástica. Pegou dicionário, mesa e cartolina e saiu ao mercado cavar espaço entre os camelôs. Entre uma banca de relógios e outra de lingerie instalou a sua: mesa, o dicionário e a cartolina na qual se lia: "**Histriônico** - apenas R\$ 0,50!".

Demorou horas para que o primeiro de mais de cinquenta curiosos parasse e perguntasse.

- O que o senhor está vendendo?

- Palavras, meu senhor. A promoção do dia é **histriônico** a cinquenta centavos como diz a placa.

- O senhor não pode vender palavras. Elas não são suas. Palavras são de todos.

- O senhor sabe o significado de **histriônico**?

- Não.

- Então o senhor não a tem. Não vendo algo que as pessoas já

têm ou coisas de que elas não precisam.

- Mas eu posso pegar essa palavra de graça no dicionário.

- O senhor tem dicionário em casa?

- Não. Mas eu poderia muito bem ir à biblioteca pública e consultar um.

- O senhor estava indo à biblioteca?

- Não. Na verdade, eu estou a caminho do supermercado.

- Então veio ao lugar certo. O senhor está para comprar o feijão e a alface, pode muito bem levar para casa uma palavra por apenas cinquenta centavos!

- Eu não vou usar essa palavra. Vou pagar para depois esquecê-la?

- Se o senhor não comer a alface ela acaba apodrecendo na geladeira e terá de jogá-la fora e o feijão caruncha.

- O que pretende com isso? Vai ficar rico vendendo palavras?

- O senhor conhece Nélide Piñon?

- Não.

- É uma escritora. Esta manhã, ela disse na televisão que o País sofre com a falta de palavras, pois os livros são muito pouco lidos por aqui.

- E por que o senhor não vende livros?

- Justamente por isso. As pessoas não compram as palavras no atacado, portanto eu as vendo no varejo.

- E o que as pessoas vão fazer com as palavras? Palavras são palavras, não enchem barriga.

- A escritora também disse que cada palavra corresponde a um pensamento. Se temos poucas palavras, pensamos pouco. Se eu vender uma palavra por dia, trabalhando duzentos dias por ano, serão duzentos novos pensamentos cem por cento brasileiros. Isso sem contar os que furtam o meu produto. São como trombadinhas que saem correndo com os relógios do meu colega aqui do lado. Olhe aquela senhora com o carrinho de feira dobrando a esquina. Com aquela carinha de dona-de-casa ela nunca me enganou. Passou por aqui sorrateira. Olhou minha placa e deu um sorrisinho maroto se mordendo de curiosidade. Mas nem parou para perguntar. Eu tenho certeza de que ela tem um dicionário em casa. Assim que chegar lá, vai abri-lo e me roubar a carga. Suponho que para cada pessoa que se dispõe a comprar uma palavra, pelo menos cinco a roubarão. Então eu provocarei mil pensamentos novos em um ano de trabalho.

- O senhor não acha muita pretensão? Pegar um...
- **Jactância.**
- ...livro velho.
- **Alfarrábio.**
- O senhor me interrompe!
- **Profaço.**
- Está me enrolando, não é?
- **Tergiversando.**
- Quanta lenga-lenga...
- **Ambages.**
- **Ambages?**
- Pode ser também **evasivas.**
- Eu sou mesmo um banana para dar trela para gente como você!
- **Pusilânime.**
- O senhor é engraçadinho, não?
- Finalmente chegamos: **histriônico!**
- Adeus.
- Ei! Vai embora sem pagar?
- Tome seus cinquenta centavos.
- São três reais e cinquenta.
- Como é?
- Pelas minhas contas, são oito palavras novas que eu acabei de entregar para o senhor. Só **histriônico** estava na promoção, mas como o senhor se mostrou interessado, faço todas pelo mesmo preço.
- Mas oito palavras seriam quatro reais, certo?
- É que quem leva **ambages** ganha uma **evasiva**, entende?
- Tem troco para cinco?

(Colaboração enviada por Internet sem identificação do autor)



Foto

Uma dramática visão da região mais atingida pela seca no sertão nordestino brasileiro. O fenômeno se repete. (Foto Revista Época).

Fato

Na data desta edição, o Nordeste enfrenta a maior seca dos últimos anos. 40 municípios do sertão decretaram situação de emergência. Mais de 350 mil pessoas já não tem água suficiente para beber. Cada família tem direito a 20 litros por dia, distribuídos por carros-pipas para filas intermináveis. 90% da produção agrícola foi perdida.

Razão

Somente agora, com mais de dez anos de atraso, o governo decide iniciar as obras de transposição de águas do Rio São Francisco para a região das secas. Ainda enfrenta reações irracionais de pessoas e organizações sociais que revelam impressionante desconhecimento dos projetos de engenharia desenvolvidos e amadurecidos ao longo de uma década. Será bombeada uma pequena parte das águas do rio, já próximo de sua foz, águas que se perderiam no oceano. Vão agora matar a sede e criar condições para a agricultura familiar de milhões de brasileiros.

A equipe do Infa – Instituto da Família, Centro de Atendimento do Itanhanga (psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, pedagogos, assistentes sociais e outros) reuniu-se e após calorosa discussão, em grupos, elaborou este texto.

VIOLÊNCIA



CAUSAS E CAMINHOS PARA POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Nas periferias das grandes cidades, onde a presença do Poder Público é fraca, o crime tende a instalar-se mais facilmente. São espaços segregados, que sofrem a influência do consumismo da metrópole próxima, sem usufruírem, no entanto de um mínimo de dignidade humana, ou seja, sem infra-estrutura (de equipamentos e serviços como saneamento básico, sistema viário, iluminação pública, acesso à justiça, transporte, lazer, acesso a boas escolas etc...) o que ocasiona em sua

população baixa auto-estima e até mesmo revolta.

O mesmo acontece nas favelas ou comunidades muito carentes destes centros urbanos. Isto ocorre não só no Brasil, mas em toda a América Latina, em intensidades diferentes é claro. Isto não significa dizer que tais populações sejam culpadas, mas pelo contrário, além de sofridas são as principais vítimas deste estado de coisas. Ninguém mora lá porque quer. Não é necessariamente a pobreza que causa a violência. Áreas muito

pobres do nordeste, sobretudo do interior não apresentam índices de violência tão grandes, o que nos faz pensar que estas populações conseguem conservar vínculos familiares mais sólidos, espírito de partilha, maior valorização da vida numa espiritualidade mais autêntica, sem muito individualismo ou mesmo egoísmo.

Assim é que apontamos outros dois fatores para o crescimento do crime: as baixíssimas relações interpessoais das grandes metrópoles (não conhecemos nem mesmo nossos vizinhos mais próximos) e a desestruturação familiar. Esta última é ao mesmo tempo causa e efeito. É causa porque sem laços familiares fortes a probabilidade de uma criança ou adolescente vir a cometer um crime é muito grande. É efeito, quando esta desestruturação familiar se dá pelo assassinato ou prisão da mãe, do pai ou de ambos (infelizmente o que tem ocorrido em algumas favelas do Rio e de São Paulo). Vemos, no entanto, que apesar da ausência do pai ou da mãe, um modelo familiar alternativo, desde que em condições mínimas de afeto e convivência de amor, poderá suprir esta lacuna, impedindo que os filhos fiquem entregues à sua sorte. Daí a grande importância do amor nas relações de convivência dentro e

fora da família, seja qual for o modelo familiar em questão.

Também não é necessariamente o desemprego, mas o ingresso do jovem, que procura o primeiro emprego, com o objetivo de sua inserção no mercado formal de trabalho, mas que não obtém sucesso. Muitas vezes, passa a ter relação direta com o aumento da violência, porque torna o jovem vulnerável ao ingresso na criminalidade.

Para ele, o desemprego ou o subemprego mexe com a sua auto-estima. Faz com que pense em outras formas de conseguir dinheiro, espaço na sociedade, de ser finalmente reconhecido. Principalmente aqueles que, nesta fase, não estão cercados de amigos verdadeiros e não têm a orientação de seus familiares. Acabam se encantando por grupos de desocupados, ou mesmo pelo crime organizado, que lhes oferece o sentimento de pertencer a um grupo e o sentimento do poder de sedução que uma arma representa.

Finalmente o prestígio que tanto almejavam. Vemos todos os dias nos noticiários o crescimento do tráfico de drogas, intimamente ligado a um número cada vez maior de crimes violentos. Jovens que começam como

“aviãozinhos” (entregadores de droga) passam a experimentar a maconha, as bebidas alcoólicas fortes, e daí para diante... As taxas de homicídios são cada vez maiores nos acertos de conta, nas chacinhas, assaltos, nas disputas entre traficantes de facções opostas e por aí vai...

Outro fator que aumenta os homicídios no Brasil é a disseminação das armas de fogo, principalmente as leves. Muitas das discussões banais dentro da família, entre vizinhos, nos bares, festas, boates, brigas de trânsito, terminam em assassinato porque é muito fácil se ter uma arma de fogo por perto. Isto em qualquer classe social. Quanto maior for o número de armas fabricadas e comercializadas neste país, mais crimes existirão.

É necessário que se ressalte que a violência não é só física, mas também psicológica e moral; haja visto as violências de discriminação, cujas maiores vítimas são principalmente mulheres, crianças, homossexuais, negros, índios, idosos, os mais empobrecidos ou deficientes físicos e mentais. Se fôssemos discorrer por todos estes tipos de violências, estaríamos elaborando um tratado, sem dúvida, muito extenso, mas de grande valia, pois aqui mesmo em nosso local

de trabalho muitos deles nos chegam ao conhecimento para que possamos atender em terapias ou encaminhá-los aos órgãos de competência especializada para as devidas providências.

Em todos os tipos de violência, acreditamos que é, sem dúvida, a desestruturação familiar a grande causa.. É no núcleo familiar que o indivíduo estabelece as suas primeiras relações, funcionando assim a família como um alicerce, que irá direcioná-lo nas demais relações sociais ao longo de sua vida. As rupturas da relação familiar, quando não tratadas, acabarão gerando pessoas egoístas, desequilibradas emocionalmente, que valorizam mais o “ter” que o “ser”. Hoje em dia, é senso comum que a valorização do homem esteja mais presa ao que ele tem do que ao que ele é na sua integridade. Certos ditos populares: “Fulano é de boa família” porque tem “status”, tem dinheiro. Isto faz com que as pessoas sejam individualistas, egoístas, competitivas em demasia. Acabam perdendo a noção de valores (o que é certo, o que é errado) e para conseguirem o “poder” passam por cima dos outros, passam por cima das leis, não medem esforços para estarem em uma posição superior ou para terem

algo, mesmo que para isso tenham que matar. “A vida não tem mais valor!”. “O mundo é dos espertos!”. Com tudo isso é a impunidade em nosso país que acaba aplaudindo esta maneira de pensar.

Possíveis soluções:

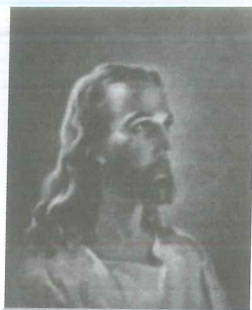
- ✓ Participação de todos, sem exceção, cobrando soluções não só do Poder Público, dos políticos, das associações de moradores... mas também organizando-se em ações e campanhas comunitárias.
- ✓ Sugerindo e exigindo maior integração entre a segurança pública dos Estados e as políticas urbanas de segurança dos municípios.
- ✓ Cada escola, particular e principalmente a pública, deverá ser elemento de integração com campanhas educativas de conscientização, aberta principalmente aos sábados, domingos e feriados à comunidade a sua volta. O mesmo servindo de modelo às associações de bairro em praça pública, organizando, entre outras coisas, torneios, gincanas ou ciclo de palestras-educativas.
- ✓ Exigir do Poder Judiciário mais agilidade nos processos e, se necessário, mais rigor no cumprimento das leis.

✓ Exigir da Mídia mais programas de conscientização da população na preservação dos valores familiares, quer na sua unidade, quer na sua espiritualidade, com maior envolvimento com Deus, algo que possa fazer com que a chama do amor volte a se acender nos corações.

✓ Exigir das autoridades maior controle nas propagandas, novelas e filmes da TV, nos cinemas, e jogos eletrônicos que são exibidos proliferando a violência explícita.

✓ Promover campanhas de valorização da vida e da pessoa enquanto ser humano.

✓ Favorecer maior conhecimento e crédito aos direitos humanos, seja na divulgação dos Estatutos da Criança e do Adolescente, dos Idosos e outros, exigindo o cumprimento das leis, que parecem foram feitas apenas para ficarem no papel. Oferecer maior possibilidade de atendimento psicológico a vítimas de violência, quer aumentando e ou criando novas clínicas populares, quer apoiando as já existentes da iniciativa particular, como o INFA e tantas outras.



O amor cristão

Alexandre Andrade Martins*

O amor cristão exige o empenho por uma sociedade justa: uma ação política.

Amor é uma palavra muito desgastada atualmente, porém está no centro da fé cristã. Deus é amor, assim Jesus nos mostrou e deixou como mandamento: amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento e com toda a tua força (...) e amarás o teu próximo com a ti mesmo. (Mc 12, 30-31; cf. Mt 22,37-37; Lc 10,27).

O amor ao próximo não se restringe à vivência do ágape, da caridade somente com aqueles que convivem comigo. Inclui também uma ação na sociedade de luta por um mundo mais justo. Todo cristão é chamado a viver o ágape, constantemente, nas suas relações interpessoais e alegrar-se, pois estará fazendo como o Mestre fez e ensinou. A primeira grande expressão do ágape é o acolhimento generoso do outro,

seguido imediatamente de uma postura serviçal. Jesus sendo o maior, serviu a todos, lavando os pés dos discípulos (cf. Jo 13, 1-20).

O ágape é simples e humilde. Podemos dizer que é transformador da realidade, porque retira o homem do egocentrismo para levá-lo a preocupar-se com o outro e a vida comunitária.

O amor, detentor de um poder transformador, não pode ser aprisionado dentro da ação do cotidiano unicamente, mas deve ser levado para o vasto campo político-social. O amor cristão leva a uma postura crítica frente às injustiças e a uma práxis libertadora. Não deixa o cristão parado, esperando as coisas acontecerem por si. Impulsiona-o a ter coragem para enfrentar o opressor e a ser humilde para servir o mais fraco, sendo voz profética e sinal dinâmico de esperança.

"O amor cristão exige solidariedade, especialmente para com aqueles cujos direitos legítimos são lesados, e leva a lutar ao lado deles, para que obtenham espaço para viver e liberdade de participar da formação de uma sociedade justa" (MOSER, A.; LEERS, B. 1988)

Jesus, na sua passagem na História, não ficou calado e estático diante da situação de exploração e opressão vivida pelo seu povo. Com sua ação ágape, mostrou o caminho para uma sociedade fraterna e denunciou as injustiças. Foi contra o poder político e religioso em tudo que faziam para causar mais miséria e sofrimento aos pequeninos.

Conseqüência de tudo isso: uma prisão política e a condenação à morte. O seguidor de Jesus não pode ter medo. Assim foram os apóstolos, muitos depois deles e, desse modo, devemos ser todos nós, chamados a viver o ágape.

Vivemos em uma atual conjuntura nacional em que o descrédito pela política e pelas instituições públicas é enorme, sobretudo no campo ético. Porém, como cristãos, não

podemos perder a esperança e nos isentar da responsabilidade de viver o amor na vida política-social e da nobre missão de sermos profetas como Jesus. Assumir o batismo na luta por um Brasil mais honesto, ético e justo, onde o bem público seja colocado primeiro que o bem privado-egocêntrico. Cantarmos bem forte pelas ruas o hino do amor que liberta ensinado por Deus na História da Revelação.

A vivência do ágape é comprometimento com o bem social, empenho por uma sociedade justa e fraterna. Conseqüentemente exige um compromisso e uma ação social em defesa dos fracos, oprimidos, excluídos e por uma política limpa e ética.

Assumir essa postura e atitude não é fácil, mas desafiadora. Os obstáculos são muitos e podem acontecer repressões (até mesmo violentas). Sendo assim, concluo enfatizando a intimidade com Cristo, isto é, uma forte experiência mística com o Deus amor. Experiência na qual o Espírito Santo é infundido em nós, motor da práxis libertadora e força para não deixar desanimar diante da possibilidade do martírio.

* Religioso Camiliano. Filósofo. Extraído de ADITAL.

Sonho

Sonhei que fui ao Céu e um anjo me mostrava as diversas áreas lá existentes. Andamos até que entramos numa sala de trabalho cheia de anjos. O anjo que me guiava parou frente ao primeiro departamento e disse: - Esta é a Seção de Recepção. Aqui, são recebidas as orações com petições a Deus.

Olhei em volta da área e vi que ela estava tremendamente ocupada com um montão de anjos pondo em ordem pedidos escritos em volumosas folhas de papel e em bilhetes escritos por pessoas de todo o mundo. Seguimos então adiante, por um longo corredor, até que chegamos à segunda seção.

O anjo disse: - Esta é a área de Embalagem e Entrega. Aqui, as graças e bênçãos solicitadas são processadas e entregues às pessoas vivas que as pediram. Notei outra vez como estavam todos ocupados ali. Havia muitos anjos trabalhando intensamente nessa área, já que tantas bênçãos têm sido solicitadas. Elas estavam sendo empacotadas para entrega na Terra.

Finalmente, lá no fim do longo corredor, paramos na porta de uma área muito pequena. Para minha grande surpresa, só um anjo estava sentado ali, desocupado, nada fazendo.



M. Vaz
Aveiro, Abril 2004

- Esta é a Seção de Reconhecimento - disse-me calmamente meu amigo, que pareceu embaraçado. - Como é isso? Não há nenhum trabalho acontecendo por aqui... - perguntei. - É tão triste... O anjo suspirou. - Depois que as pessoas recebem as bênçãos que pediram, poucos enviam confirmação de reconhecimento. - E como se confirma que recebemos as bênçãos de Deus? - perguntei. - Simples. - O anjo respondeu - Basta dizer: Grato, Senhor! - E quais bênçãos devem ser reconhecidas? -perguntei. Respondeu-me:

1. Se tiver alimento em sua geladeira, roupas nas suas costas, um teto sobre sua cabeça e um lugar para dormir... Você é mais rico que 75% dos moradores deste mundo;
2. Se você tem dinheiro no banco, em sua carteira e algumas moedas sobrando em casa, você está entre os 8% mais bem sucedidos do mundo!
3. E se tem seu próprio computador, você é parte do 1% do mundo que tem essa oportunidade;
4. Mas também... Se você acordou hoje de manhã com mais saúde que doença. Você é mais abençoado que os muitos que nem sequer sobreviverão a este dia;
5. Se você nunca experimentou o temor da batalha, a solidão da prisão, a agonia da tortura, nem as dores de sofrimento de fome... Você está à frente de 700 milhões de pessoas no mundo;
6. Se puder ir a uma igreja, Mesquita ou Sinagoga, sem o temor de apanhar, de ser preso, torturado ou sem medo da morte... Você é abençoado e invejado por mais de três bilhões de pessoas, que não podem reunir-se com outros de sua fé;
7. Se seus pais ainda estão vivos, você é uma raridade;
8. Se você pode manter sua cabeça erguida e pode sorrir, você não é a norma, você é um raro exemplo a tantos que estão em dúvida e em desespero.
9. Se pôde ler esta mensagem, você é mais abençoado que dois bilhões de pessoas no mundo que absolutamente não sabem ler...

Então, reconheça, conte suas bênçãos e agradeça a Deus.

(Colaboração de Cristina Maria)

- ❖ Temos freqüentado essa Seção de Reconhecimento? Conhecemos somente a de Recepção?
- ❖ Que temos feito pelos que têm nada ou menos do que temos? Esse texto pode nos inspirar para o amor-serviço?

Documento: V CELAM – Aparecida 2007

Mensagem da V Conferência Geral aos Povos da América Latina e do Caribe

Reunidos no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no Brasil, saudamos no amor do Senhor todo o Povo de Deus e todos os homens e mulheres de boa vontade. De 13 a 31 de maio de 2007 estivemos reunidos na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, inaugurada com a presença e a palavra do Santo Padre Bento XVI. Nos nossos trabalhos, realizados em ambiente de fervente oração, fraternidade e comunhão afetiva, buscamos dar continuidade ao caminho de renovação percorrido pela Igreja católica desde o Concílio Vaticano e nas anteriores quatro Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Ao terminar esta V Conferência lhes anunciamos que assumimos o desafio de trabalhar para dar um novo impulso e vigor à nossa missão em e desde a América Latina e o Caribe.

1. Jesus Caminho, Verdade e Vida.

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6)

Diante dos desafios que nos propõe esta nova época na que estamos imersos, renovamos a nossa fé, proclamando com alegria a todos os homens e mulheres do nosso continente: Somos amados e remidos em Jesus, Filho de Deus, o Ressuscitado vivo no meio de nós;

por Ele podemos ser livres do pecado, de toda escravidão e viver em justiça e fraternidade. Jesus é o caminho que nos permite descobrir a verdade e alcançar a plena realização de nossa vida!

2. Chamados ao seguimento de Jesus.

“Foram, viram onde vivia e permaneceram com ele” (Jo 1,39)

O primeiro convite que Jesus faz a toda pessoa que viveu o encontro com Ele é o de ser seu discípulo, para colocar os seus passos sobre as suas pegadas e formar parte da sua comunidade. A nossa maior alegria é ser seus discípulos! Ele chama cada um de nós pelo seu nome, conhecendo profundamente a nossa história (cf. Jo 10,3), para conviver com Ele e enviar-nos a continuar a sua missão (cf. Mc 3, 14-15).

Sigamos o Senhor Jesus! Discípulo é aquele que, tendo respondido a este chamado, o segue passo a passo pelos caminhos do Evangelho. No seguimento ouvimos e vemos o acontecer do Reino de Deus, a conversão de cada pessoa, ponto de partida para a transformação da sociedade e se abrem para nós os caminhos da vida eterna. Na escola de Jesus aprendemos uma “vida nova”, dinamizada pelo Espírito Santo e refletida nos valores do Reino.

Identificados com o Mestre, a nossa vida é movida pelo impulso do amor e no serviço aos demais. Este amor implica uma contínua opção e discernimento para seguir o caminho das Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-26). Não temamos a cruz que supõe a fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo, pois ela está iluminada pela luz de Ressurreição. Desta forma, como discípulos, abrimos caminhos de vida e esperança para nossos povos que sofrem pelo pecado e todo tipo de injustiças.

O chamado a ser discípulos-missionários nos exige uma decisão clara por Jesus e o seu Evangelho, coerência entre a fé e a vida, encarnação dos valores do Reino, inserção na comunidade e ser sinal de contradição e novidade em um mundo que promove o consumismo e desfigura os valores que dignificam o ser humano. Em um mundo que se fecha ao Deus do amor, somos uma comunidade de amor, não do mundo, mas no mundo e para o mundo (cf. Jo 15, 19; 17, 14-16)!

3. O discipulado missionário na pastoral da Igreja

“Ide e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,19)

Constatamos como o caminho do discipulado missionário é fonte de renovação da nossa pastoral no Continente e novo ponto de partida para a Nova Evangelização dos nossos povos.

Uma Igreja que se faz discípula

Da parábola do Bom Pastor aprendemos a ser discípulos que se alimentam da Palavra: “As ovelhas o seguem porque conhecem sua voz” (Jo 10,4). Que a Palavra de Vida (cf. Jo 6, 63) saboreada na Leitura Orante e a celebração e vivência do dom da Eucaristia nos transformem e nos revelem a presença viva do Ressuscitado que caminha conosco e atua na história.

Com firmeza e decisão continuaremos exercendo a nossa tarefa profética discernindo onde está o caminho da verdade e da vida. Levantando a nossa voz nos espaços sociais dos nossos povos e cidades, especialmente a favor dos excluídos da sociedade. Queremos estimular a formação de políticos e legisladores cristãos para que contribuam na construção de uma sociedade justa e fraterna, de acordo com os princípios da Doutrina Social da Igreja.

Uma Igreja formadora de discípulos e discípulas

Todos na Igreja estamos chamados a ser discípulos e missionários. É necessário nos formar e formar todo o Povo de Deus para cumprir com responsabilidade e audácia esta tarefa.

A alegria de ser discípulos e missionários se percebe de modo especial onde fazemos comunidade fraterna. Estamos chamados a ser Igreja de braços abertos, que sabe acolher e valorizar cada um de seus membros. Por isso, alentamos os esforços que são feitos nas paróquias para ser “casa e escola de comunhão”, animando

formando pequenas comunidades e comunidades eclesiais de base, assim como nas associações de leigos, movimentos eclesiais e novas comunidades.

Propomo-nos reforçar a nossa presença e proximidade. Por isso, em nosso serviço pastoral, convidamos a dedicar mais tempo a cada pessoa, escutá-la, estar ao seu lado nos seus acontecimentos importantes e ajudar a buscar com ela as respostas às suas necessidades. Façamos que todos, ao ser valorizados, possam sentir-se na Igreja como em sua própria casa.

Ao reafirmar o compromisso com a formação de discípulos e missionários, esta Conferência se propôs atender com mais cuidado as etapas do primeiro anúncio, a iniciação cristã e o amadurecimento na fé. A partir do fortalecimento da identidade cristã, ajudemos a cada irmão e irmã a descobrir o serviço que o Senhor lhe pede na Igreja e na sociedade.

Em um mundo sedento de espiritualidade e conscientes da centralidade que ocupa a relação com o Senhor na nossa vida de discípulos, queremos ser uma Igreja que aprende a rezar e ensina a rezar. Uma oração que nasce da vida e do coração e é ponto de partida de celebrações vivas e participativas que animam e alimentam a fé.

4. Discipulado missionário ao serviço da vida

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Do cenáculo de Aparecida nos dispomos a empreender uma nova etapa de nosso caminhar pastoral declarando-nos **em missão permanente**. Com o fogo do Espírito vamos inflamar de amor o nosso Continente: “Recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós, y sereis minhas testemunhas... até os confins da terra” (At 1,8).

Em fidelidade ao mandato missionário

Jesus convida todos a participar de sua missão. Que ninguém fique de braços cruzados. Ser missionário é ser anunciador de Jesus Cristo com criatividade e audácia em todos os lugares onde o Evangelho não foi suficientemente anunciado ou acolhido, especialmente nos ambientes difíceis e esquecidos e além de nossas fronteiras.

Como fermento na massa

Sejamos missionários do Evangelho não só com a palavra, mas principalmente com a nossa própria vida, entregando-a no serviço, inclusive até o martírio.

Jesus começou sua missão formando uma comunidade de discípulos missionários, a Igreja, que é o início do Reino. Sua comunidade também foi parte do seu anúncio. Inseridos na sociedade, façamos visível o nosso amor e solidariedade fraterna (cf. Jo 13,35) e promovamos o diálogo com

os diversos atores sociais e religiosos. Em uma sociedade cada vez mais plural, sejamos integradores de forças na construção de um mundo mais justo, reconciliado e solidário.

Servidores da mesa partilhada

As agudas diferenças entre ricos e pobres nos convidam a trabalhar com maior empenho para ser discípulos que sabem partilhar a mesa da vida, mesa de todos os filhos e filhas do Pai, mesa aberta, inclusiva, na qual não falte ninguém. Por isso reafirmamos nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres.

Nos comprometemos a defender os mais fracos, especialmente as crianças, os enfermos, os incapacitados, os jovens em situações de risco, os anciões, os presidiários, os migrantes. Velamos pelo respeito ao direito que têm os povos de defender e promover “os valores subjacentes em todos os estratos sociais, especialmente nos povos indígenas” (Bento XVI, Discurso Guarulhos No. 4). Queremos contribuir para garantir condições de vida digna: saúde, alimentação, educação, moradia e trabalho para todos.

A fidelidade a Jesus exige de nós combater os males que causam dano ou destroem a vida, como o aborto, as guerras, o seqüestro, a violência armada, o terrorismo, a exploração sexual e o narcotráfico.

Convidamos todos os dirigentes de nossas nações a defender a verdade e a velar pelo inviolável e

sagrado direito à vida e à dignidade da pessoa humana, da concepção até a morte natural.

Colocamos à disposição de nossos países os esforços pastorais da Igreja para contribuir na promoção de uma cultura da honestidade que repare a raiz das diversas formas de violência, enriquecimento ilícito e corrupção.

Em coerência com o projeto do Pai criador, convocamos todas as forças vivas da sociedade para cuidar da nossa casa comum, a Terra, ameaçada de destruição. Queremos favorecer um desenvolvimento humano e sustentável, baseado na justa distribuição das riquezas e na comunhão dos bens entre todos os povos.

5. Rumo a um continente da vida, do amor e da paz

“Nisto conhecerão todos que são discípulos meus” (Jo 13,35)

Nós, participantes na V Conferência Geral em Aparecida e junto com toda a Igreja “comunidade de amor”, queremos abraçar todo o continente para transmitir-lhes o amor de Deus e o nosso. Desejamos que este abraço alcance também o mundo inteiro.

Ao terminar a Conferência de Aparecida, no vigor do Espírito Santo, convocamos todos os nossos irmãos e irmãs para que, unidos, com entusiasmo, realizemos a **Grande Missão Continental**. Será um novo Pentecostes que nos impulse a ir, de modo especial, em busca dos católicos afastados e

dos que pouco ou nada conhecem Jesus Cristo, para que formemos com alegria a comunidade de amor do nosso Pai Deus. Missão que deve chegar a todos, ser permanente e profunda.

Com o fogo do Espírito Santo, avancemos construindo com esperança a nossa história de salvação no caminho da evangelização, tendo em torno a nós tantas testemunhas (cf. Hb 12, 1), que são os mártires, santos e beatos do nosso continente. Com o seu testemunho nos mostraram que a fidelidade vale a pena e é possível até o fim.

Unidos a todo o povo orante, confiamos a Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, primeira discípula e missionária ao serviço da vida, do amor e da paz, invocada sob os títulos de Nossa Senhora de Aparecida e de Nossa Senhora de Guadalupe, o novo impulso que brota a partir de hoje em toda a América Latina e o Caribe, sob o sopro do novo Pentecostes para a nossa Igreja a partir desta V Conferência que aqui celebramos.

Em Medellín e em Puebla terminamos dizendo: "CREMOS". Em Aparecida, como o fizemos em Santo Domingo, proclamamos com todas as nossas forças: CREMOS E ESPERAMOS.

Esperamos...

Ser uma Igreja viva, fiel e crível, que se alimenta na Palavra de Deus e na Eucaristia.

Viver o nosso ser cristão com alegria e convicção como discípulos-missionários de Jesus Cristo.

Formar comunidades vivas que alimentem a fé e impulsionem a ação missionária.

Valorizar as diversas organizações eclesiais em espírito de comunhão. Promover um laicato amadurecido, co-responsável com a missão de anunciar e fazer visível o Reino de Deus.

Impulsionar a participação ativa da mulher na sociedade e na Igreja. Manter com renovado esforço a nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres.

Acompanhar os jovens na sua formação e busca de identidade, vocação e missão, renovando a nossa opção por eles.

Trabalhar com todas as pessoas de boa vontade na construção do Reino.

Fortalecer com audácia a pastoral da família e da vida.

Valorizar e respeitar nossos povos indígenas e afro-descendentes.

Avançar no diálogo ecumênico "para que todos sejam um", como também no diálogo inter-religioso.

Fazer deste continente um modelo de reconciliação, de justiça e de paz.

Cuidar a criação, casa de todos, em fidelidade ao projeto de Deus.

Colaborar na integração dos povos da América Latina e do Caribe.

Que este Continente da esperança seja também o Continente do amor, da vida e da paz!

Aparecida – Brasil, 29 de maio de 2007.



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Grambery - Centro

CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3218-4239

fatoerazao@yahoo.com.br

fatoerazao@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC,
pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Grambery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3218-4239

livraria.mfc@gmail.com

livrariamfc@yahoo.com.br

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida

Um passo adiante

Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento

O Assunto é Casamento

Descomplicando a Fé

Eis o MFC

Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: amorim@ibpinet.com.br